



esporte
e lazer
no PELC
PRONASCI
VOLUME 3



MINISTÉRIO DO ESPORTE
SECRETARIA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DE ESPORTE E DE LAZER

POLÍTICA INTERSECTORIAL: PELC e PRONASCI



Esporte e Lazer
da Cidade - PELC



BRASÍLIA 2010



Índice

APRESENTAÇÃO.....	3
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 01	
Conceitos básicos	13
Violência, Juventude e Inclusão social	13
Esporte e lazer.....	25
CAPÍTULO 02	
A pesquisa desenvolvida	27
Contextualização da pesquisa no PELC PRONASCI	27
A Metodologia utilizada na pesquisa	32
A pesquisa qualitativa.....	32
A pesquisa quantitativa	35
Profissional no lazer e esporte recreativo	39
Atividades esportivas no PELC PRONASCI	40
Observações sobre as atividades desenvolvidas nos núcleos.....	41
CAPÍTULO 03	
Estratégias	43
Sobre as Atividades de esporte recreativo e de lazer do PELC PRONASCI	44

Qual é a relação dos jovens com as atividades oferecidas	48
A formação em serviço	50
Orientações do PELC PRONASCI para o trabalho com jovens em situação de vulnerabilidade	51
Os canais de comunicação entre os agentes sociais e os coordenadores	54
Como definir a estrutura do local	55
Lidando com as dificuldades encontradas pelos jovens	56
Como realizar a mobilização comunitária	57
Impactos do programa	58
Afastamento dos jovens de situações de criminalidade	59
O PAPEL DO PELC PRONASCI	62
Avaliação do PELC PRONASCI por parte dos entrevistados	63
MODALIDADES DE ESPORTE RECREATIVO E DE LAZER	64
Esporte coletivo, individual e radical	64
Artes Marciais	69
Dança	74
Ginástica	79
Jogos e brincadeiras	82
Reflexões	87
Bibliografia	93
LISTA DE QUADROS	
Quadro 1 – Esporte coletivo, individual e radical	43
Quadro 2 – Artes marciais de aproximação, que mantêm a distância e outros	47
Quadro 3 – Dança tradicional e folclórica, de rua e outros	50
Quadro 4 – Ginástica circense, de academia, artística e rítmica	53
Quadro 5 – Jogos e brincadeiras populares, cantigas de roda, tabuleiro	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição por idade dos usuários entrevistados	6
Figura 2 – Situação de emprego para os jovens entrevistados.....	12
Figura 3 – Grau de escolaridade dos jovens entrevistados.....	13
Figura 4 – Atividades preferidas pelos jovens entrevistados	14
Figura 5 – Tempo de atuação dos agentes sociais entrevistados	26
Figura 6 – Atividades oferecidas que os jovens mais gostam na opinião dos agentes sociais entrevistados	27
Figura 7 – Distribuição do turno de trabalho dos agentes sociais entrevistados	28
Figura 8 – Carga de trabalho nos finais de semana de acordo com os agentes sociais entrevistados	28
Figura 9 – Percepção da participação nas atividades do PELC PRONASCI dos jovens entrevistados.....	31
Figura 10 – Participação na formação introdutória dos agentes sociais entrevistados	33
Figura 11 – Área de formação dos agentes sociais entrevistados	33
Figura 12 – Percepção sobre a formação continuada dos agentes sociais entrevistados	34
Figura 13 – Percepção sobre o apoio institucional dos agentes sociais entrevistados	35
Figura 14 – Distribuição dos agentes sociais que moram na mesma comunidade onde trabalham.....	38
Figura 15 – Percepção da violência no seu bairro por parte dos usuários entrevistados.....	39
Figura 16 – Percepção da situação de violência depois do início do PELC PRONASCI	40
BIBLIOGRAFIA.....	80

apresentação

Você vai encontrar nesta cartilha os resultados iniciais da pesquisa diagnóstica sobre modalidades prioritárias de esporte e lazer a serem oferecidas pelos núcleos do PELC/PRONASCI. A pesquisa envolveu diferentes atores, incluindo usuários do Programa, gestores, coordenadores gerais, coordenadores de núcleo e agentes sociais, e teve como objetivo principal estruturar e organizar formas de planejamento, desenvolvimento, funcionamento e avaliação do PELC/PRONASCI para o atendimento diversificado de seu público-alvo: os jovens entre 15 a 24 anos.

O resultado que você vai encontrar nesta obra representa um retrato da realidade do Programa, com referência às suas modalidades de esporte recreativo e de lazer identificadas como forma de inclusão social, feita por meio de análises qualitativa e quantitativa.

A articulação com a fundamentação teórica buscou nos conteúdos da corporeidade o estímulo à reflexão dos jovens, ligando a ação educativa a um amplo processo de cidadania, desdobrando as potencialidades educativas do lazer na busca de transformações sociais.

Nesta obra, são consideradas as potencialidades educativas

do esporte recreativo e do lazer como uma perspectiva possível de transformações. Esperamos que você aprecie esta publicação e que sua leitura seja estimulante e fonte de inspiração para seus potenciais criativos, pois ao nos sentirmos capazes de criar, nos sentimos com possibilidades de transformar o mundo.

Tenha uma excelente leitura!

Maria Leonor Brenner Ceia Ramos

Chefe de Gabinete

Secretaria Nacional de Desenvolvimento
de Esporte e de Lazer – Ministério do Esporte

introdução

A Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer (SNDEL) do Ministério do Esporte vem desenvolvendo o PELC desde 2003. O PELC/PRONASCI trouxe alguns desafios, principalmente devido à especificidade do público alvo, o que faz com que o programa seja uma iniciativa inovadora.

Este volume procura refletir sobre a oferta de modalidades de esporte recreativo e de lazer nos núcleos PELC/PRONASCI e sobre a inclusão social de jovens entre 15 a 24 anos de idade em situação de vulnerabilidade. Inclusão social é compreendida nesse contexto como promoção de cidadania, significando fornecer oportunidades ao jovem de desenvolvimento pessoal e social valorizando sua criatividade e autonomia.

Programas de esporte recreativo e lazer, por si só, não dão conta da resolução de todos os problemas sociais vivenciados por jovens e suas famílias. O PELC/PRONASCI constitui uma ação planejada e articulada com demais ações do governo, cujo principal objetivo é fornecer instrumentos para que as próprias comunidades conquistem autonomia e se conscientizem sobre as possibilidades e importância do esporte e lazer para a qualidade de vida. O PELC/PRONASCI, portanto, propõe fortalecer o debate sobre o direito ao lazer e sua relação com outras questões sociais. Entendido como instrumento de

mobilização e participação cultural, o lazer proporciona, além do divertimento, desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade.

O esporte recreativo, ao educar habilidades, capacidades e atitudes, está diretamente relacionado com a formação humana, ou seja, com a educação moral, educação em valores e construção da cidadania. A prática de esporte recreativo permite rever, além de ações motoras, atitudes morais, resultando em aprendizado geral para a vida. Quando a interação é prazerosa, os núcleos PELC/PRONASCI tornam-se espaços privilegiados para se legitimar valores, pois o grupo toma consciência do que faz, interage e estabelece trocas. Logo, um caminho importante para uma educação baseada na autonomia é a diversificação das modalidades de esporte recreativo e de lazer nos núcleos e, sobretudo a valorização do agente social.

Este volume está dividido em três capítulos. Para iniciar a reflexão, o volume inclui no primeiro capítulo uma discussão teórica sobre violência, juventude, inclusão social, esporte e lazer. O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa e uma análise dos dados coletados qualitativamente e quantitativamente referentes aos municípios estu-

dados. O levantamento de dados empíricos teve início em março de 2010, por meio de entrevistas individuais semiestruturadas, grupos focais e questionários. Foram realizadas 24 entrevistas individuais e 11 grupos focais nas cinco regiões do país, e foram aplicados 406 questionários aos jovens e 52 questionários aos agentes sociais dos núcleos PELC/PRONASCI dos municípios de Alvorada-RS, Canoas-RS e Osasco-SP. O terceiro capítulo associa a ação educativa a amplo processo de cidadania, que considera as potencialidades educativas do lazer como canal possível para busca de transformações. Para tanto, são apresentados alguns conteúdos da corporeidade que podem vir a estimular os jovens à reflexão, levando-os à conscientização de seus potenciais criativos.

Para que se investigue de que forma o trabalho desenvolvido pelos núcleos PELC/PRONASCI contribuiu para a inclusão social, é preciso antes compreender duas coisas: primeiro, os objetivos do programa e segundo, os atores envolvidos. Sendo assim, o quadro abaixo apresentamos os objetivos de cada programa, uma vez que o PELC/PRONASCI surgiu da parceria entre Ministério da Justiça e Ministério do Esporte.

OBJETIVO DO PELC – Ampliar ações de democratização do acesso a conhecimentos e práticas de esporte e lazer, considerados direitos sociais de todos os cidadãos (diversas faixas etárias), assim como fomentar ações integradas com as de-

mais políticas públicas, com vistas à promoção de inclusão social e ao desenvolvimento humano¹.

OBJETIVO DO Pronasci – Articular políticas de segurança com ações sociais; prevenir e atingir as causas que levam à violência, sem abrir mão das estratégias de ordenamento social e segurança pública. O Pronasci tem como público-alvo os jovens na faixa etária entre 15 a 24 anos, à beira da criminalidade, que se encontram ou já estiveram em conflito com a lei; presos ou egressos do sistema prisional².

PELC/PRONASCI – Contribuir com a democratização do acesso ao esporte recreativo e ao lazer, por meio da promoção de ações educativas, para jovens entre 15 e 24 anos que vivem em situações de vulnerabilidade social e econômica, reforçadoras das condições de injustiças, violências e exclusão social, com vista à melhoria da qualidade de vida e resgate da autoestima³.

O PELC Todas as Idades vem sendo desenvolvido pela SN-DEL há oito anos e tem tido sucesso principalmente entre as

¹ Fonte: Edital PELC e Vida Saudável 2010.

² Fonte: Sítio do Ministério da Justiça portal www.mj.gov.br/pronasci.

³ Fonte: Manual de orientações para Implementação do Programa Esporte Lazer da Cidade.

crianças e os adultos. No entanto, é notável a baixa participação de jovens que estão iniciando a vida adulta (entre 17 e 24 anos). Do ponto de vista do gestor, a baixa participação desse público é resultado de um desinteresse em participar das oficinas disponíveis no núcleo. Já do ponto de vista dos próprios jovens, não é dada atenção para eles, pois as atividades oferecidas são infantilizadas e pouco adequadas ao período que estão vivendo. Ou seja, incluir essa faixa etária em um programa social requer uma abordagem diferenciada. E é justamente esse público que o PELC/PRONASCI pretende incluir. Logo, percebe-se que, apesar de ter objetivos em comum, o PELC/PRONASCI é específico em relação não só ao seu público-alvo (jovens entre 15 a 24 anos), como ao local de atuação (territórios de paz).

Os tópicos a seguir explicam quem são os atores diretamente envolvidos com o PELC PRONASCI.

JOVENS – O público alvo do PELC PRONASCI são os jovens entre 15 e 24 anos que vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica.

AGENTES SOCIAIS – Como protagonistas da elaboração e efetivação das ações e carga horária de vinte horas semanais, os agentes sociais desempenham papel fundamental no nível de inclusão social adquirido, pois realizam as oficinas diretamente com os jovens.

COORDENADORES DE NÚCLEO – Os coordenadores de núcleo são responsáveis por orientar todas as atividades e eventos do núcleo sob sua responsabilidade; receber o material de consumo e distribuí-lo por oficinas; organizar as inscrições e o controle de presença, além de analisar o planejamento dos agentes. Têm carga horária de quarenta horas.

COORDENADORES GERAIS – O coordenador geral é responsável por orientar todas as ações de planejamento, execução, monitoramento e avaliação das ações do programa.

GESTORES – Dentre os gestores estão os secretários municipais, profissionais do quadro do órgão ou entidade da administração pública. É o gestor que responde pelo projeto e decide solicitar alterações no plano de trabalho.

Em termos de juventude, os núcleos visitados pessoalmente pelos pesquisadores são frequentados, em geral, por crianças e adolescentes até 18 anos, sendo que a maioria dos jovens tem de 14 a 18 anos. Acredita-se que outros locais tenham tido grande sucesso em abranger o público-alvo preestabelecido pelo Pronasci. Daí a necessidade de se continuar o trabalho de pesquisa e visitar núcleos nas outras regiões do país para melhor conhecer a realidade de cada local.

Este volume tem como foco um dos principais fundamentos do programa: o relacionamento entre modalidades de esporte recreativo, lazer e inclusão social. A sistematização dos

dados presente neste volume levanta a seguinte hipótese: “o que” é oferecido e “como” é oferecido pelos núcleos do PELC/PRONASCI determina inclusão social? Em outras pala-

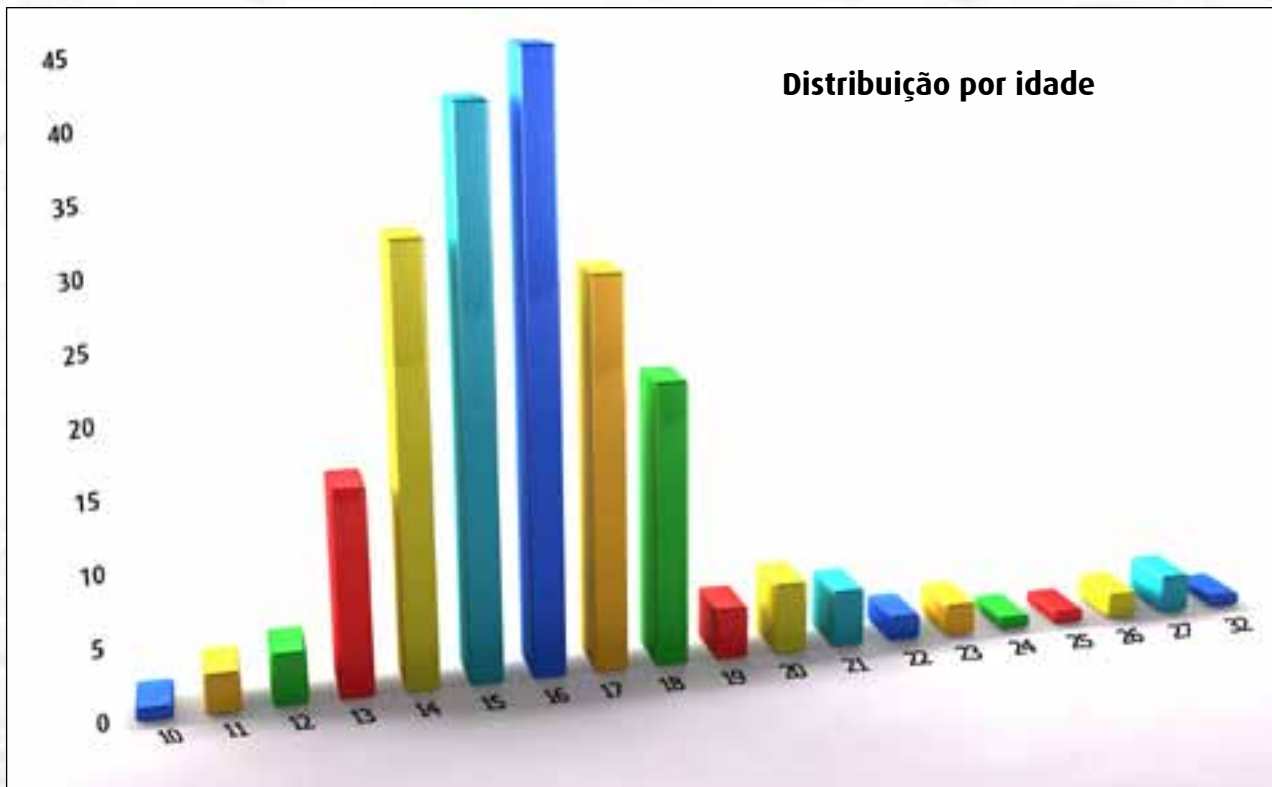


Figura 1 – Distribuição por idade dos usuários entrevistados

vas, o tipo de modalidade ofertada e a maneira como as oficinas são executadas pelo agente social têm relação direta com o nível de inclusão social?

Assim, não só a modalidade oferecida como, sobretudo, a metodologia aplicada pelo agente social pode definir como os jovens agem e se relacionam. Quando o agente social consegue propor temas de reflexão e discussão que interessam os jovens, cria-se um importante espaço passível de gerar inclusão social. O funcionamento dos núcleos de esporte recreativo e de lazer é uma oportunidade de divertimento, e, sobretudo de desenvolvimento. Entretanto, as modalidades por si só não são capazes de promover inclusão social. A atuação do agente social é de fundamental importância para tornar o esporte recreativo e o lazer veículos privilegiados de educação para o desenvolvimento de valores como cooperação, autoconhecimento e socialização.

Para muitos jovens, oficina de esporte e lazer é sinônimo de aula de futebol. Isto exige muita criatividade por parte do agente social em introduzir outras práticas. Esse desafio também foi detectado por Silva (2009), que verificou a necessidade de se construir oficinas que ampliem o repertório de atividades do lazer, favorecendo a que o indivíduo ultrapasse o comportamento conformista e seja capaz de questionar a situação de exclusão social.

Por essa razão, é preciso oferecer uma proposta pedagógica eficiente para as oficinas, pois as mesmas muitas vezes somente reproduzem o modelo do esporte de rendimento que já é muito divulgado e estereotipado em diversos espaços sociais. Coordenadores e agentes sociais do PELC/PRONASCI devem aumentar as opções de vivências e repertórios, expandindo as alternativas de lazer. É preciso propor a construção de novas possibilidades para o esporte para além de uma prática baseada nos parâmetros do rendimento que toma o esporte como prática social atenta às mudanças e contradições presentes na sociedade e articulada com as diferentes instituições, movimentos e atores sociais (OLIVEIRA, 2009).

O esporte deve ser reconhecido como objeto de reivindicações populares, como questão de cidadania, de participação popular e democracia. As oficinas devem atender a necessidade de ampliação do diálogo entre poder público e população, pela criação de mecanismos que culminem em uma ampla participação social, com o objetivo de ampliar e intensificar o processo de cooperação com o governo na formulação, implantação e gerenciamento das políticas de esporte.

A participação dos jovens é essencial nesse processo e requer comprometimento constante de seus representantes. É importante que haja diálogo com os diferentes atores sociais, devendo-se estar atentos às diversas formas de linguagem e

de expressão de ideias, a fim de valorizar as reivindicações e os saberes populares.

Para Oliveira (2009), inclusão social não pode ser sinônimo de inserção no sistema, mas a busca da ampliação democrática e da construção de uma identidade coletiva. Trabalhar para a inclusão é uma tarefa que requer bastante esforço, pois é preciso acreditar que por meio de ações coletivas é possível construir algo melhor para as camadas populares. É preciso pensar em vivências que proporcionem a inserção da maioria da sociedade em espaços possíveis para o desenvolvimento da cultura corporal com característica popular.

As oficinas devem possibilitar o desenvolvimento crítico do jovem, instigando-o a reflexão e ação em seu contexto social e político. O agente social deve buscar superar as desigualdades sociais a partir de uma atitude comprometida com o desenvolvimento de cada um. De acordo com Oliveira (2009) o agente social não pode de forma alguma tratar a oficina de forma simples e mecânica, negando realidades e respon-

sabilidades sociais. O esporte recreativo e o lazer devem ser práticas sociais atentas às mudanças e contradições presentes na sociedade. Praticar oficinas deve ser encarado como a materialização de um direito social – o direito ao lazer.

Portanto, as ações desenvolvidas devem ter como pressuposto a inclusão social e não a reprodução de práticas alheias à realidade social da comunidade. Daí a necessidade de haver acompanhamento contínuo e sistemático nas intervenções pedagógicas assim como planejamento participativo centrado na reflexão, discussão e avaliação das ações planejadas. Sem falar na importância da existência de espaços de diálogo entre a gestão do programa, a coordenação e os agentes sociais.

Gerar conhecimento sobre o funcionamento do PELC/PRO-NASCI é um resultado valioso para aprimorar políticas públicas intersetoriais, pois uma gestão bem sucedida depende da qualidade e veracidade das informações. Este volume, portanto, contribui de forma preciosa para o desenvolvimento do Programa.





CAPÍTULO 01

Conceitos Básicos

VIOLÊNCIA, JUVENTUDE E INCLUSÃO SOCIAL

“(...) no começo do nosso trabalho, a gente tinha alunos que trabalhavam com a arma na cintura, sabe? Então, assim, foi uma coisa muito chocante pra gente, como bolsista, que a gente não tinha trabalhado ainda com alguém que tivesse com uma arma e... um jovem, entendeu?” AS2.

VIOLÊNCIA

Violência é um conceito com diversas definições, mas em geral é entendido como todo ato que gere dor ou maus tratos físicos e psicológicos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define o termo como: “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”. Para muitos teóricos, a definição de violência ultrapassa essa conceituação dada pela OMS. Mas a par de divergências, há o consenso de que o conceito do termo está relacionado a uma interpretação subjetiva e altamente demarca pela sociedade em foco.

O Pronasci trabalha com a idéia de que violência é um problema social de grande dimensão, que afeta a todos, em todas

as faixas etárias. Ele se vale de modelo definido pela OMS no qual subdivide violência em três grandes categorias, a saber: violência autoinfligida (comportamento suicida e autoabuso); violência interpessoal (que ocorre entre membros familiares e da comunidade, em espaços públicos) e a violência coletiva (social, política e econômica).

No entanto, para definição do Pronasci, o Ministério da Justiça baseou-se nos dados que dizem respeito mais às categorias interpessoal e coletiva. No Brasil, a violência se configura como a terceira causa de morte entre a população geral. Para o Pronasci, violência está relacionada à violação dos Direitos Humanos.

O IBGE, na análise das informações das Estatísticas do Registro Civil (v.29, p. 13, 2002), indica:

“Observa-se que, no País como um todo, em 1990, cerca de 60% dos óbitos masculinos ocorridos nessa faixa etária de 15 a 24 anos estavam relacionados às causas violentas. Esse valor sobe para 70,7% em 2002, um incremento de 17% no período, sendo um aspecto generalizado em todas as regiões brasileiras, com destaque para a Região Sudeste, cujos valores passam de 64%, em 1990, para 79,6%, em 2002, significando uma variação de 25%. É importante salientar que a violência nessa faixa etária mais jovem começa a atingir de forma intensa também as mulheres visto que durante o período considerado, os aumentos foram bastante expressivos na proporção de óbitos relacionados a essa causa. No agregado nacional, esses valores passaram de 28,9% para 34,1%, um aumento relativo de 21%, sendo que a Região Norte apresentou incrementos mais elevados dentre todas as regiões (44%), ao passar de 18,9% para 27,3% durante o período considerado. Frise-se, por outro lado, que o fenômeno da violência entre as jovens do sexo feminino de 15 a 24 anos está mais concentrado nas áreas mais desenvolvidas do Centro-Sul do País, onde a proporção de óbitos, nesta faixa etária, relacionados à violência no total de óbitos chega a ser superior a 39% em 2002 nas Regiões Sudeste e Sul, e de 37% no Centro-Oeste.”

A seguir, apresentamos dois quadros do IBGE sobre taxa de mortalidade por causas violentas. Entende-se como morte violenta aquela relacionada a homicídios, suicídios, acidentes de trânsito etc. Esse é um conjunto de óbitos que vem afetando, especialmente, os adolescentes, jovens e adultos jovens do sexo masculino. Os dados abaixo fornecem informações importantes para compreender a diferente realidade entre os estados brasileiros e entre pessoas do sexo masculino e feminino.

Com relação ao sexo masculino, na faixa etária de 15 a 24 anos de idade, observamos que as regiões Norte e Nordeste possuem taxas de mortalidade por causas violentas menores do que as Regiões Sul e Centro-Oeste. A região Sudeste se destaca como região com maior taxa de mortalidade por causas violentas, com 208 mortes violentas em cada 100.000 habitantes.

Já em relação ao sexo feminino observamos que as taxas de mortalidade por causas violentas são menores, e que as regiões Norte e Nordeste possuem taxas menores do que a região Sul. As regiões Sudeste e Centro-Oeste possuem taxas em torno de 22 a 23 mortes violentas por 100.000 habitantes.

300,0

Taxas de mortalidade por causas violentas na faixa etária de 15 a 25 anos de idade, de pessoas de sexo masculino, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - Brasil - 2002

250,0

200,0

150,0

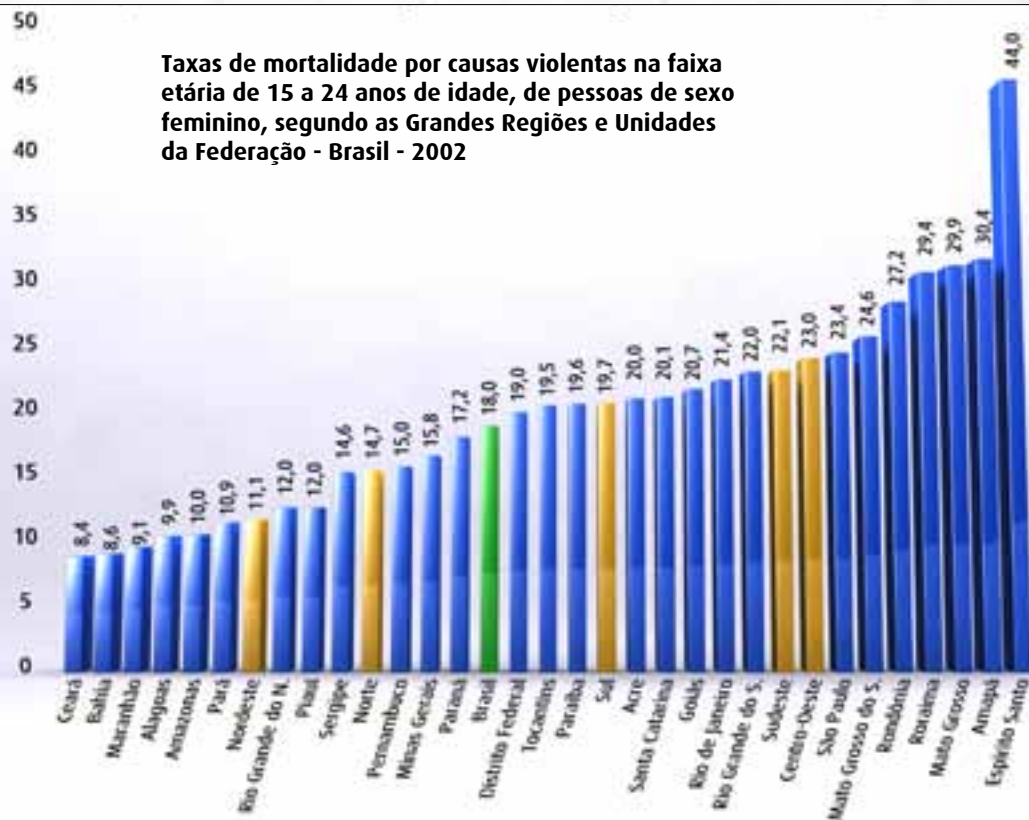
100,0

50,0

0,0



Taxas de mortalidade por causas violentas na faixa etária de 15 a 24 anos de idade, de pessoas de sexo feminino, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - Brasil - 2002



A percepção acerca da violência varia conforme a classe social e o nível de instrução e renda. De acordo com documento “Adolescentes e Jovens do Brasil – Participação Social e Política” (UNICEF, 2007), a violência no Brasil está associada não só a assaltos, rou-

bos e mortes violentas, como também a causas sociais. O quadro abaixo mostra as diversas causas sociais que estão diretamente relacionadas à violência no Brasil e que merecem atenção especial dos tomadores de decisão.

RESPOSTAS PARA A QUESTÃO: BRASIL UM PAÍS VIOLENTO?

Tabela 10 - Porque considera o Brasil um País Violento? (*)	
RESPOSTA (%)	ADOLESCENTE EM GERAL
Causas Sociais	%
Pela falta de emprego	43
Pelo aumento da pobreza	29
Pela falta de policiamento	24
Pela falta de educação das pessoas	20
Evidências concretas	%
Números de assaltos, sequestros e roubos	37
Número de mortes violentas de adolescentes	34
Número de situações de abuso, maus-tratos e exploração	27
Pela atuação da [política, que é muito violenta]	15
O Brasil não é um país violento	1
Outras citações com menos de 1%	1
Não sabe/Não opinou	1
Adolescente e Jovens do Brasil/UNICEF/Ayrton Senna/Itaú Social/2007	
(*) A soma das porcentagens não totaliza 100% em decorrência de múltiplas respostas	

JUVENTUDES – Embora puberdade, adolescência e juventude ainda hoje sejam conceitos que se confundem, é importante se fazer uma distinção entre esses três termos. São conceitos que estão relacionados, mas têm também algumas particularidades.

PUBERDADE – É definida com base em manifestações da sexualidade, o que ocorre por volta dos 11, 12 anos de idade. Nessa época, os caracteres sexuais secundários são ativados e a crian-

ça é convocada a sair da sua posição infantil, tanto pelas transformações em seu corpo quanto pelas novas demandas sociais que lhe são exigidas pela família, pela escola e pelo grupo de amigos, que adquire grande importância em sua vida.

ADOLESCÊNCIA – Pode ser compreendida como a vivência subjetiva dessas transformações da puberdade. Nada assegura que aos dezoito anos o adolescente possa ser considerado um adulto.

Levando em conta esse aspecto, ampliou-se o tempo de preparação para a vida adulta, surgindo assim o conceito de juventude.

JUVENTUDE – Etapa da vida situada entre a proteção exigida para a infância e a emancipação da vida adulta.

Para fazer o processo de emancipação o jovem depende não somente de suas próprias condições, mas, sobretudo, das que sua família, seu grupo e a sociedade, de uma forma mais ampla, lhe proporcionam. Nem todos os jovens terão acesso às mesmas oportunidades que conduziram à emancipação esperada para que uma pessoa seja considerada adulta. Duas características têm dificultado a emancipação dos jovens principalmente quando consideramos aqueles advindos das classes populares: a crise no trabalho e a presença da morte na forma da violência urbana. Para buscar condições de emancipação, é fundamental que se estabeleça um projeto de vida. Para afirmar sua singularidade, um jovem deverá, necessariamente, romper de alguma forma com a geração anterior. Para isso muitas vezes ele enfrenta desafios como uma forma de demonstrar um poder diante da dificuldade.

O que marca a geração dos jovens atualmente: a resposta pode ser a **insegurança** na forma de um temor da morte prematura; o medo tornou-se um marco dessa geração. A atual geração dos jovens brasileiros tem dois medos essenciais: o medo de sobrar e o de morrer.

Com o intuito de fazer uma breve descrição sobre a realidade da juventude brasileira e sua relação com a violência, tomou-se como base a perspectiva internacional estabelecida pela UNESCO, descrita mais especificamente em uma de suas importantes publicações na área – **Juventudes: Outros Olhares sobre a Diversidade**, publicada em 2007.

Ao fazer uma reflexão sobre as vidas e percepções dos jovens brasileiros, Martins e Souza (2007) observam que as preferências e gostos dos jovens estão não só condicionados a condições materiais como são produzidos pelo universo sociocultural. Os autores constataam ainda que o desemprego juvenil é três vezes maior que o do conjunto da população e que os jovens não se encaixam na relação tempo livre/lazer, pois suas escolhas decorrem de um tempo desocupado, do tempo do não-trabalho. A grande maioria dos jovens que participaram da pesquisa não está trabalhando. Esse dado pode estar associado à questão da idade. A maior parte desses jovens tem entre 14 a 18 anos e está estudando. Ou seja, é provável que responder “não trabalho” (figura abaixo) esteja diretamente associado ao fato de os jovens estarem na escola.

Ora, o foco do PELC/PRONASCI é justamente oferecer ações para jovens que não estão na escola. Atender a esse público tem sido um desafio enfrentado por todos os municípios conveniados.

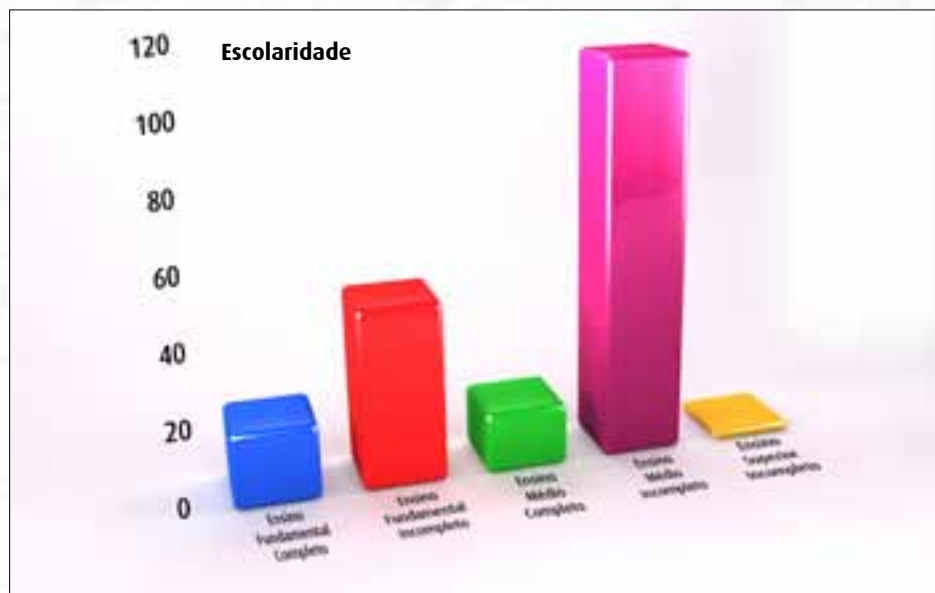
Figura 1 – Distribuição por idade dos usuários entrevistados



O grau de instrução é possibilitador ou limitador de acessos e preferências, uma vez que o aumento da escolaridade faz com que os jovens ampliem seus contatos e acessos aos bens culturais e às práticas relacionadas ao lazer (MARTINS E SOUZA, 2007).

Quanto menor o grau de escolaridade, maior a preferência em não fazer nada ou não sair de casa. Ou seja, a escolaridade é conformadora de gosto e possibilitadora de acesso a diferentes oportunidades.

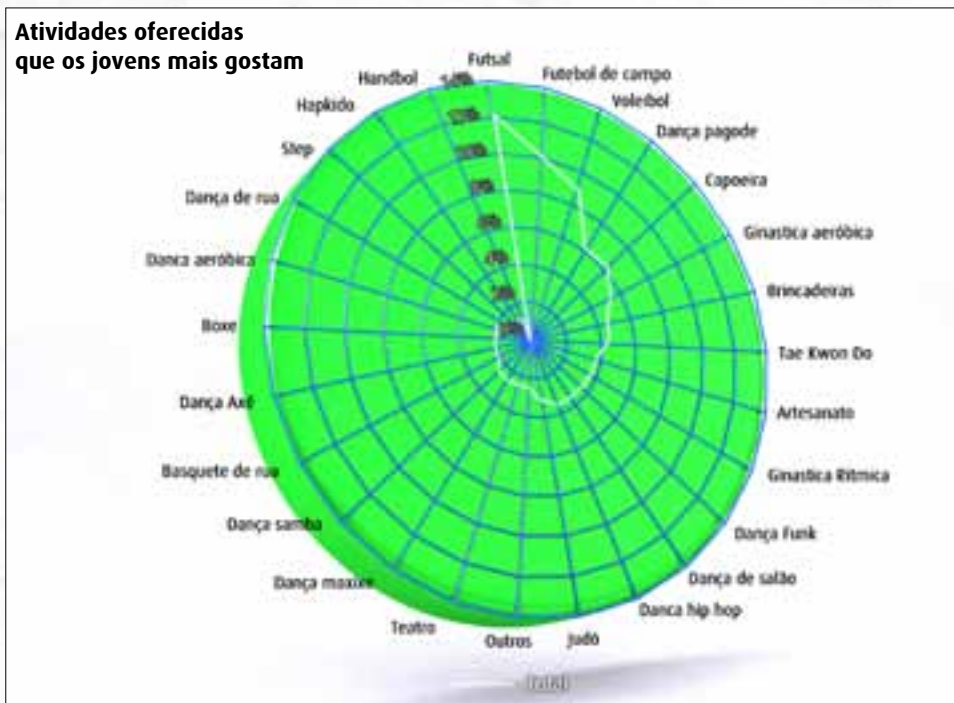
Figura 3 – Grau de escolaridade dos jovens entrevistados



Para muitos jovens não há tempo livre, mas o tempo do trabalho não remunerado, uma vez que muitos deles desempenham responsabilidades de chefes de família, ocupando o lugar dos pais nas tarefas domésticas. As jovens dizem preferir fazer a limpeza da casa numa proporção três vezes maior do que os homens. Elas utilizam boa parte do tempo livre com o trabalho dentro de casa. Além do mais, a ausência de opções de lazer faz com que muitos jovens ocupem seu tempo livre em casa assistindo à televisão ou ouvindo música pelo rádio.

Alguns fatores que determinam as escolhas pelos espaços de lazer fora de casa: ausência de equipamentos de cultura e lazer, alto custo das passagens dos transportes, distância entre o local de moradia e os centros urbanos, e a crescente violência. De acordo com a figura a seguir, uma das atividades preferida pelos jovens é a reunião com os amigos. Essa constatação confirma a hipótese de que estar em grupos potencializa e reafirma as múltiplas identidades juvenis.

Figura 4 – Atividades preferidas pelos jovens entrevistados



Em paralelo às altas taxas de desemprego, os jovens são majoritariamente as principais vítimas e autores dos índices de violência. O número de homicídios é mais representativo entre os jovens, o que caracteriza maior vulnerabilidade e vitimização dessa faixa etária da população. Isto permite a constatação de que não se resolverá o problema

da violência no país se não for resolvido o problema da vitimização juvenil.

A degradação da qualidade de vida fez das favelas e periferias locais propícios à violência. O crime, além de meio econômico, tornou-se meio de vida capaz de realizar as

necessidades de consumo e permitir experiências significativas de poder e aventura em relação aos demais jovens. Os jovens vivem grande dificuldade econômica que os impedem a realização dos padrões de consumo aos quais estão estimulados, impactando diretamente na autoestima. Ser jovem está associado à formação de identidade, à afirmação pessoal e à busca por pertencimento. A vida social compartilhada em grupos é fundamental para o jovem, pois oferece apoio e proteção.

O problema dos homicídios de jovens tem muito mais a ver com a maneira como os conflitos são resolvidos do que com o envolvimento com a criminalidade. Além disso, a presença constante de armas de fogo na comunidade estimula não só a sensação de insegurança, mas também de legitimação do uso da arma como forma de proteção. A violência e a criminalidade surgem como instrumentos pelos quais os jovens conseguem gerar medo e sensação de insegurança naqueles que nunca os veem. A percepção das brigas e ameaças está ligada ao envolvimento dos jovens nas mesmas. Isso significa que a violência como instrumento de afirmação da identidade perde função à medida que os jovens ficam mais velhos e começam a entrar na vida adulta, dando lugar a métodos mais pacíficos de resolução de conflitos.

INCLUSÃO SOCIAL

O PELC PRONASCI objetiva estimular a inclusão social mediante a prática de esporte recreativo e lazer. Tais modalidades possuem natureza diversificada e devem estar direcionadas à valorização e fortalecimento da cultura local. Para alcançar seu propósito, portanto, o PELC/PRONASCI precisa impactar a comunidade gerando inclusão social, participação e pertencimento da sociedade.

Entende-se inclusão social como o conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos direitos, provocada pela diferença de classe social, origem geográfica, raça, orientação sexual, educação, idade, existência de necessidades especiais ou preconceitos. Promover inclusão social é garantir a todos oportunidades de acesso aos diversos bens e serviços (para mais informações, consultar o volume 02, sobre FORMAÇÃO).

O conceito de exclusão é inseparável do de cidadania, que se refere aos direitos que as pessoas têm de participar da sociedade e usufruir certos benefícios considerados essenciais. Os direitos sociais dizem respeito ao acesso a um conjunto de bens e serviços considerados indispensáveis para a vida digna e para a convivência social – o direito à educação, à saúde, ao trabalho, a um salário decente, à proteção em situações de doença e de velhice e assim por diante. A inclusão de direitos





civis, políticos e sociais nos textos legais tem o efeito prático de criar para a sociedade a percepção de que esses direitos existem e são legítimos; e, para os governos, a responsabilidade pelo seu atendimento. Embora a lei lhes garanta direitos, Reis e Schwartzman (2010) constatarem que tal garantia legal não se traduz em usufruto efetivo de tais direitos.

“(...) me deixou muito alegre de ver a mobilização do grupo de dança folclórica para trazer outros jovens. Eu identifico isso como uma mudança. Porque elas iniciaram sem saber o que é o programa, sem saber por que aquele programa estava ali e iniciaram como se fosse uma atividade só para elas ‘ah, eu vou dançar, eu vou fazer o que eu gosto meu momento de lazer e vou dançar’. Então elas iniciaram desse jeito e com o andar das oficinas e a bolsista passando o que era o programa e que os benefícios seriam não só para elas como para a comunidade. Com esse trabalho todo de conscientização, no dia do evento elas estavam se mobilizando a convidar os outros jovens a participarem do programa. Isso foi um momento marcante para mim em ver a mobilização delas.” CG5.

Programas governamentais que exercem mediação entre os indivíduos contribuem na definição da agenda política, na escolha entre alternativas de ação e na implementação das políticas adotadas, bem como na estruturação de crenças, preferências, hábitos de pensamento e ação que os indivíduos

os trazem para arenas mais abrangentes da política. A interação social e a decisão de participar de ações coletivas são o elemento decisivo da vida associativa. A prática de esporte recreativo e lazer em núcleos do PELC/PRONASCI fornece condições para o surgimento da cooperação social.

Baseado em relações sociais de cooperação, o esporte recreativo fomenta moral autônoma nos jovens, e deve ter como fontes o respeito mútuo, a reciprocidade e as relações democráticas. O esporte, ao educar habilidades, capacidades e atitudes, está diretamente relacionado com a formação humana, ou seja, com uma educação moral, educação em valores, construção da cidadania e de sentimentos em relação a si mesmo e em relação aos outros.

ESPORTE E LAZER

Esporte recreativo é a dimensão social do esporte na qual a prática se dá de maneira redimensionada, recriada e reinventada, não restrita às delimitações das regras oficiais, o que permite aos participantes usufruírem de atividades lúdicas, prazerosas, solidárias e de enriquecimento cultural, favorecendo o desenvolvimento do senso crítico, da autonomia e da sensibilidade frente às questões sociais. Não tem caráter competitivo nem seletivo (para mais informações, consultar o volume 02, sobre FORMAÇÃO).

Lazer é a cultura vivida com alegria e liberdade, no tempo disponível, fora das obrigações sociais. Tempo, espaço e oportunidade privilegiados para vivências lúdicas, para divertir-se de diferentes modos, participar de diferentes formas (assistindo, praticando, conhecendo) em diferentes espaços. Como fator de qualidade de vida o lazer é compreendido como meio e fim educativos para a formação de valores e pode contribuir para o desenvolvimento social, cultural e humano. (Para mais informações, consultar o volume 02, sobre FORMAÇÃO)

O lazer é um componente da cultura historicamente situada e, conseqüentemente, uma reivindicação social. É uma questão de cidadania, de participação cultural, resultante de atividade não-conformista, mas crítica e criativa de sujeitos historicamente situados. Para que se torne uma reivindicação social eficiente devemos compreender não só a amplitude de seu conteúdo, como as atitudes envolvidas durante a prática, seus aspectos educativos e seus valores.

Dessa forma, o esporte recreativo e o lazer são excelentes instrumentos de mobilização e de participação cultural. Essa é a razão, os conteúdos das atividades de lazer serem amplos e abrangerem interesses variados.

Marcellino (2010) define o lazer como a cultura vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. Para ele, o importante é o caráter desinteressado dessa vivência, na qual a satisfação provocada pela situação é a recompensa buscada. A disponibilidade de tempo, segue o autor, significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

Ninguém vai encontrar no lazer a dignidade que perdeu no trabalho ou na falta de trabalho. O ócio, sem trabalho, é a ociosidade. O tempo do desempregado não pode ser entendido como tempo disponível, mas sim desocupado. Não há possibilidade de opção por atividade ou contemplação. Não há lazer ou ócio e sim ociosidade. Mas nem por isso, podemos deixar de considerar as possibilidades do lazer como campo de atuação pedagógica.

CAPÍTULO 02

A Pesquisa Desenvolvida

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA NO PELC/PRONASCI

O Ministério do Esporte mantém interfaces permanentes e programáticas com os ministérios da Educação, da Justiça, da Cultura e com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, dentre outros organismos públicos, privados e não governamentais. Em todas as parcerias, o Ministério do Esporte desenvolve programas e projetos que, pela natureza dos seus conteúdos, são concebidos e executados em conjunto e de forma integrada, participativa e compartilhada. Destaca-se a interface dos Espaços Urbanos de Convivência Comunitária, do Ministério do Esporte, com o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – Pronasci, do Ministério da Justiça. Existe uma forte complementaridade entre esses dois programas em função das reciprocidades quanto aos seus objetivos de educar, ressocializar e apoiar jovens em estado prisional ou em condições de vulnerabilidade social.

O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e as Praças da Juventude, pelas ideias e princípios que os inspiram, representam atualmente bases institucionais para que as ações do PRONASCI se desenvolvam de forma adequada e de acordo

com sua concepção programática. Simultaneamente, o Pronasci oferece condições para que ambos, PELC e Praças da Juventude, possam consolidar-se como organizações efetivas e integradas à vida comunitária.

O PELC/PRONASCI objetiva suprir a carência de políticas públicas e sociais que atendam às necessidades e demandas de jovens entre 15 e 24 anos por esporte recreativo e lazer, sobretudo daqueles em situações de vulnerabilidade social e econômica, reforçadoras das condições de injustiça e exclusão social. Nesses termos, o Programa está voltado para a consolidação do esporte e lazer como direitos sociais e como política pública de governo.

Mesmo considerando o grande avanço em organização, estruturação funcional e embasamento legal que o setor de esportes brasileiro alcançou nos últimos cinco anos, perduram ainda situações-problema que dificultam a expansão mais rápida de sua atuação nos diversos segmentos que compõem o setor. Em função disso, o Ministério enfrenta obstáculos para criar condições institucionais, programáticas e operacionais que diminuam a defasagem entre as demandas existentes em esporte e lazer no Brasil

e a oferta de ações concretas e congruentes para o atendimento dessas demandas.

As rápidas transformações da sociedade contemporânea, sobretudo no seu aspecto social, têm exigido a proposição de políticas públicas que se adaptem às instituições e que procurem acompanhar suas transformações, dando atendimento às necessidades da sociedade e aos serviços colocados à disposição pelo governo. O Ministério do Esporte espera que esta pesquisa apresente subsídios para aprimorar as ações na área do esporte recreativo e do lazer, as quais contribuem para a promoção da cidadania, inclusão social e consolidação das políticas públicas por meio do PELC e das Praças da Juventude.

OBJETIVO GERAL DA PESQUISA – Estruturar e organizar formas de planejamento, desenvolvimento, funcionamento e avaliação do PELC PRONASCI para o atendimento diversificado de seu público alvo (jovens entre 15 a 24 anos.)

OBJETIVO ESPECÍFICO – Configurar um retrato da realidade do PELC/PRONASCI, com referência às suas modalidades de esporte recreativo e lazer, identificadas como forma de inclusão social, por meio de uma análise qualitativa e quantitativa, em articulação com a fundamentação teórica.

QUEM PARTICIPOU DA PESQUISA? – Os usuários, gestores,

coordenadores gerais, coordenadores de núcleo e agentes sociais da Região Sul representada por um município que firmou convênio com o PELC/PRONASCI.

COMO FOI FEITA A PESQUISA? – As atividades da pesquisa incluíram definir e descrever seus processos e instrumentos de aplicação, acompanhar sua aplicação, sistematizar, editar e publicar os resultados sobre prioridades de esporte e lazer a serem oferecidas pelo PELC/PRONASCI.

MUNICÍPIOS PELC/PRONASCI EM 2010

A Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer (SNDEL) conta em seus arquivos, tendo-se como base janeiro de 2010, o seguinte quantitativo de convênios firmados no âmbito do projeto PELC PRONASCI:

• Região Norte	02
• Região Nordeste	11
• Região Centro-Oeste	05
• Região Sudeste	21
• Região Sul.....	14

As regiões Sudeste e Sul detêm o maior número de convênios firmados, consequência natural da concentração de cidades que aderiram ao Pronasci em função dos índices de violência





local. Vale ressaltar que só integram o PELC/PRONASCI as cidades que anteriormente aderiram ao Pronasci, junto ao Ministério da Justiça. Essa condição já estabelece que uma pesquisa que vise a avaliar a implantação desse programa, do ponto de vista do Ministério do Esporte, só pode se dar nas cidades que, por terem aderido ao Programa, buscam realizar também o convênio PELC/PRONASCI. De 2008 a 2009, 53 municípios firmaram convênio e executaram, ou estão executando o referido projeto.

COLETA DE DADOS

A SNDEL realizou encontros regionais, no primeiro semestre de 2010, para gestores coordenadores gerais, coordenadores de núcleos, pesquisadores da Rede Cedes e formadores, com o objetivo de aprofundar temas relativos às atividades da SNDEL. Esses encontros regionais representaram excelente oportunidade para a coleta de dados de uma pesquisa exploratória. Paraq tatno, foram definidas as metodologias de grupos focais e entrevistas individuais semiestruturadas, a fim de se obter, com a maior fidedignidade possível, a opinião dos executores do PELC/PRONASCI quanto ao mesmo.

OBJETIVOS – Tanto as entrevistas semiestruturadas quanto os grupos focais tiveram como objetivo coletar informações sobre a vivência dos municípios quanto à implementação

do PELC/PRONASCI.

QUEM PARTICIPOU – Os coordenadores de núcleo foram eleitos como a categoria a compor os grupos focais, considerando a proximidade e possibilidade que eles têm de retratar a realidade vivenciada pelas comunidades municipais. As entrevistas individuais semiestruturadas foram aplicadas tanto a coordenadores de núcleos quanto a agentes sociais, esses últimos em menor quantidade.

PRIMEIRO PASSO – Os pesquisadores lançaram mão de dois métodos de pesquisa qualitativa: entrevista individual semiestruturada e grupo focal. Após a realização de quatro encontros regionais foram aplicadas dezessete entrevistas individuais e dois grupos focais.

SEGUNDO PASSO – Conhecer os núcleos de esporte recreativo e de lazer de alguns municípios e conversar com os jovens, agentes sociais e coordenadores.

RESULTADO ESPERADO – O resultado da pesquisa exploratória indica pontos a serem aprofundados, variáveis a serem testadas e relacionadas em outra pesquisa que aprofunde sobre a implantação do PELC/PRONASCI nos municípios, seu impacto para a redução da vulnerabilidade juvenil e que seja estendida a vários estados do Brasil.

METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

Existem dois tipos de pesquisas quanto à forma de abordagem: a pesquisa quantitativa e a qualitativa. A pesquisa quantitativa traduz em números as opiniões e informações para serem classificadas e analisadas, se aplica mais às coisas quantificáveis; busca testar padrões científicos ou atribuir relações numéricas a padrões do cotidiano – utilizando-se de técnicas estatísticas. Já a pesquisa qualitativa é descritiva, nela frequentemente não se utilizam as medidas numéricas nem análises estatísticas: os dados obtidos são analisados indutivamente. Nela as análises se valem dos aspectos mais subjetivos do tema e a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo.

PESQUISA QUALITATIVA

Definidos o campo de investigação, um dos métodos de pesquisa adotado foi entrevista individual semiestruturada. Em se tratando de pesquisa qualitativa, foi necessário planejar a investigação, ou seja, determinar com antecedência “o quê” e “o como observar”. Três temas foram investigados:

1 – Modalidades de esporte recreativo e lazer. Dentro desse primeiro tema foram tratados assuntos referentes às modalidades oferecidas, ao planejamento das atividades e eventos

do núcleo, a relação dos jovens com as atividades oferecidas, a estrutura do local onde ocorrem as atividades, as inscrições e o controle de presença, as dificuldades encontradas pelos jovens e as atividades que os jovens gostariam de ver contempladas.

2 – Formação em serviço. No segundo tema foram tratadas questões relacionadas a reuniões sistemáticas, orientação técnica sobre como trabalhar com os jovens em situação de vulnerabilidade social e econômica e tempo dedicado à mobilização comunitária

3 – Impacto do programa. Sob esse tema foi solicitada a opinião de cada entrevistado sobre sua contribuição para a o afastamento dos jovens das situações de criminalidade e sobre a atuação do PELC/PRONASCI em seu município, e a contribuição do Programa na diminuição da violência urbana.

A partir desses temas, foram elaborados três roteiros de entrevista: um para coordenador geral, um para coordenador de núcleo e outro para agentes sociais. O instrumento de coleta de dados, denominado “roteiro de entrevista”, sofreu modificações sucessivas em decorrência da aplicação de pré-testes, ou seja, de entrevistas preliminares. Nessas entrevistas, percebeu-se a necessidade de se retirar alguns itens do roteiro proposto, bem como de se acrescentar outros itens. Os atores eleitos foram então entrevistados e seus depoimentos

gravados em áudio. A opção de gravar as entrevistas deve-se ao fato de acreditar que fazer anotações no momento da entrevista poderia comprometer o desenvolvimento natural das ideias. Apesar de ter em mãos um roteiro de perguntas durante a entrevista, foi dada liberdade aos entrevistados de falarem sobre suas experiências e impressões livremente. Essa liberdade provou-se bastante produtiva, uma vez que dificilmente seria possível captar tamanha riqueza de informações caso as pesquisadoras estivessem limitadas estritamente ao roteiro. Ao mesmo tempo em que essa abertura para dialogar fornece dados e elementos para o aprofundamento da pesquisa, ela também requer muito mais esforço e criatividade durante a análise da mesma.

A transcrição serviu como ponto de referência à análise, facilitando o manuseio dos dados. O que se tem é uma tentativa de captação do fato ocorrido do ponto de vista do informante, e não o fato em si. No entanto, a transcrição foi realizada com seriedade e responsabilidade, garantindo a manutenção da fidedignidade da análise e dos resultados apresentados pela pesquisa realizada. Procurou-se evitar erros que pudessem prejudicar o texto falado, tornando-o sem utilidade para fins de análise.

A transcrição da fala é a representação do evento em si, descrevendo não somente o que aconteceu, mas também como a interação tomou forma. A transcrição reflete, assim, o con-

teúdo e a forma de como a interação foi iniciada, desenvolvida e levada a cabo. Uma transcrição não se assemelha a um diálogo escrito, pois não utiliza a forma ortográfica padrão e nem aplica a pontuação utilizada na forma escrita. Também inclui aspectos não necessariamente ligados à palavra, mas também a ausência dela, como silêncios e risos. Dessa forma, todo cuidado foi tomado para que a transcrição fosse a representação o mais fiel possível da informação dada. Transcrever foi um exercício de percepção, visto que inúmeros detalhes passaram despercebidos durante a realização da entrevista.

Também cuidou-se para que a transcrição fosse uma representação o mais fiel possível da expressão verbal dos entrevistados, de forma que as marcas linguísticas das identidades dos participantes foram mantidas. Essa decisão atingiu todas as instâncias da transcrição, evitando criar estereótipos indesejados e problemáticos com relação aos participantes. Exemplo disso é a representação gráfica daquilo que foi dito. Na transcrição das interações, utilizou-se a forma gráfica de como a palavra foi dita e é habitualmente pronunciada como, por exemplo, “eu tô feliz” ao invés de “eu estou feliz”. O mesmo critério foi utilizado para pesquisador e pesquisado, evitando comprometer a autenticidade da transcrição ou até mesmo criar uma ilusão de realidade – de que a fala do pesquisador é necessariamente sempre na norma culta, – o que não procede. Além disso, ao manter as marcas linguísticas de identidade dos

participantes, evitou-se criar preconceitos, uma vez que o foco são os dados, e não as identidades individuais de cada um. Captar o momento precioso das interações entre pesquisador e pesquisado foi tratado com seriedade e responsabilidade.

Os dados obtidos nas entrevistas foram inicialmente transcritos, mantendo-se preservadas as falas dos entrevistados, sem qualquer alteração. Posteriormente, esses dados foram agrupados pelos seguintes eixos de análises:

Eixos de análise	Questões relativas a cada tema	Temas investigados
Modalidades de esporte recreativo e lazer	Dentro desse primeiro tema foram tratados assuntos referentes às modalidades oferecidas, ao planejamento das atividades e eventos do núcleo, à relação dos jovens com as atividades oferecidas, a estrutura do local onde ocorrem as atividades, as inscrições e o controle de presença, as dificuldades encontradas pelos jovens e às atividades pelas quais os jovens gostariam de ser contemplados.	1. Atividades de esporte recreativo e de lazer. 2. Planejamento das atividades. 3. Relação dos jovens com as atividades oferecidas. 4. Estrutura do local. 5. Dificuldades encontradas pelos jovens.
Formação em serviço	No segundo tema foram tratadas questões relacionadas às reuniões sistemáticas, orientação técnica sobre como trabalhar com os jovens em situação de vulnerabilidade social e econômica e tempo dedicado à mobilização comunitária.	6. Comunicação entre agente social e coordenadores sobre o andamento das atividades. 7. Orientação técnica para trabalhar com jovens em situação de vulnerabilidade. 8. Mobilização comunitária.
Impacto do programa	Sob esse tema foi solicitada a opinião de cada entrevistado sobre sua contribuição para o afastamento dos jovens das situações de criminalidade e sobre a atuação do PELC/PRONASCI em seu município.	9. Afastamento dos jovens de situações de criminalidade. 10. Atuação do PELC/PRONASCI no município.

A análise das respostas buscou abordar esses diferentes temas relativos às modalidades de esporte recreativo e de lazer. Os entrevistados tiveram seu anonimato mantido, sendo identificados apenas por códigos alfabéticos. Todavia, considerou-se necessário o registro do núcleo de atuação dos entrevistados. Com base na análise da categorização das respostas foi possível produzir algumas considerações endossadas por alguns depoimentos.

Foram realizadas duas entrevistas individuais semiestruturadas com agentes sociais e três entrevistas individuais semiestruturadas com coordenadores de núcleo. Foi realizado também um grupo focal com gestores e coordenadores da Região Sul.

A PESQUISA QUANTITATIVA

Estatística descritiva é o processo da organização, sumarização e descrição de um conjunto de dados. Com a construção de gráficos, tabelas, e com o cálculo de medidas com base em uma coleção de dados numéricos, poderemos melhor compreender o comportamento da variável expressa no conjunto de dados sob análise.

O início da formulação matemática da teoria das probabilidades deu-se a partir de investigações sobre jogos de azar, na

metade do século XVII, por meio de correspondências entre o filósofo Pascal e o jogador Chevalier de Méré. Outros matemáticos como Bernoulli, DeMoivre, e Gauss estabeleceram as bases da estatística inferencial. Contudo somente no início do século XX é que os métodos e técnicas da estatística inferencial foram desenvolvidos por estatísticos como Pearson, Fisher, Gosset, entre outros. Pode-se definir a estatística inferencial como métodos que tornam possível a estimação de características de uma população baseados nos resultados amostrais. Para melhor entendimento dos propósitos da inferência estatística, são necessárias as seguintes definições:

- População (ou universo) é a totalidade, conjunto, de itens, objetos, ou pessoas em consideração, que compartilham de, pelo menos, uma característica comum.
- Amostra é uma parte, subconjunto da população que é selecionada para análise.

O aspecto mais importante da estatística inferencial é o processo de obterem-se conclusões sobre parâmetros da população, baseado em estatísticas amostrais. A necessidade de métodos de inferência estatística deriva da amostragem. Como a população, geralmente, é constituída de um elevado número de itens, objetos ou pessoas, torna-se muito custoso, e demanda muito tempo, obter informações e dados de toda a população. Decisões sobre características da

população são baseadas em informações contidas em uma amostra dessa população. A teoria da probabilidade provê e regula a possibilidade de acerto de que os resultados obtidos com a amostra refletem os resultados da população.

Dentre as diversas maneiras para se coletar dados, a amostragem é mais frequente, particularmente nas pesquisas sobre fenômenos sociais e econômicos. O processo mais comum e útil para a condução de investigações empíricas seleção de uma amostra aleatória simples. Uma amostra é probabilística quando os elementos amostrais são escolhidos com probabilidades conhecidas. Na amostragem aleatória simples, todos os elementos da população têm igual probabilidade de compor a amostra, e a seleção de um indivíduo particular, ou objeto, não afeta a probabilidade de qualquer outro ser escolhido.

Uma amostra em que a probabilidade de escolher qualquer dos N elementos em uma única prova é igual a $1/N$ é uma amostra aleatória. Isso implica que grupos de elementos tenham a mesma chance de serem incluídos na amostra que outros grupos do mesmo tamanho. Embora possa não parecer óbvio, a extração de toda uma amostra de uma só vez equivale à amostragem sem reposição. Na amostragem com reposição é possível extrair o mesmo elemento mais de uma vez, o que não é possível quando se extrai toda a amostra de uma só vez.

Se a população é infinita podemos considerá-la um processo probabilístico, compondo as amostras aleatórias na ordem em que ocorrem. Enquanto o processo se mantenha estável, faremos nossas observações admitindo que a probabilidade de cada possível resultado se mantenha constante.

Se a população é finita a escolha de uma amostra aleatória envolve a compilação de uma lista de todos os elementos da população, e a realização de sorteios para escolher os itens que irão compor a amostra. Caso não se tenha uma lista completa da população (cadastro), alternativas de amostragem são possíveis.

Não há dúvida de que uma amostra não representa perfeitamente uma população. A utilização de uma amostra implica a aceitação de uma margem de erro que se denomina de erro amostral.

- Erro amostral: é a diferença entre um resultado amostral e o verdadeiro resultado populacional, tais erros resultam de flutuações amostrais aleatórias

No caso do estudo em Canoas foi escolhida uma amostragem intencional tendo os jovens participantes do PELC/PRONASCI como grupo de indivíduos que irão compor a amostra. Neste caso a pesquisa foi dirigida intencionalmente ao grupo de indivíduos dos quais se desejava saber a opinião.





PROFISSIONAL NO LAZER E ESPORTE RECREATIVO

“Eles sentem que a gente tá junto com eles, entendeu? Então, a gente não tá só separado deles, a gente tá juntos com eles, a gente não é só vínculo professor/aluno, a gente tem um pouquinho a mais, a gente trabalha todas as outras questões também, é bem interessante.” AS2

O tempo livre configura-se como um tempo de total disponibilidade do indivíduo não só física como psíquica e mentalmente. É sobre esse tempo que age o agente social. Saber transitar e agir nesse tempo, cheio de jovens frustrados por não terem o que fazer, desejosos de tudo e quase sempre também indiferentes a tudo é uma habilidade em permanente desafio.

De acordo com Romera (1998), o desempenho da função de um educador, conforme a perspectiva de uma educação que contribua para o crescimento humano, requer nova postura do profissional frente aos objetivos da matéria e da maneira de conduzir suas aulas. O professor constrói a relação com o aluno com um significado profundamente existencial e humanizante. Trata-se de uma forma de intervenção educacional que estimule a expressão livre e espontânea da personalidade do aluno, dando-lhe novo significado mental e uma nova percepção dos fatos. Nessa perspectiva o professor constrói uma relação humanizante (ROMERA, 1998).

Garcia (1995) apresenta a ideia de que o agente social possui tanto um “giroscópio” que o orienta de dentro, quanto um “radar” que o orienta de fora. Segundo o autor, o “giroscópio” seria o quadro de valores com relação à cultura, entendendo-a como um bem social capaz de contribuir para o desenvolvimento das pessoas, ajudando-as a perceber melhor o mundo em que vivem e a transformá-lo num bem social capaz de torná-las mais humanas e felizes. Já o “radar” estaria permanentemente voltado para as ocorrências e os fatos culturais exteriores novos, capazes de suscitar mudanças, novos hábitos, novos valores e de produzir melhorias no panorama cultural em que os agentes sociais atuam.

É no confronto permanente entre uma percepção interior e outra voltada para fora, na qual se enriquecem mutuamente, que o agente social alcança as condições de uma ação cultural efetivamente democrática. Se o agente social for capaz de fazer a mediação entre seus valores e os valores dos outros, se for capaz de utilizar, ao mesmo tempo, seu giroscópio e seu radar, sua ação será sempre uma ação de natureza democrática, o que é fundamental.

Os jovens são indivíduos concretos, com níveis de aspiração, interesses e motivações diferenciados, o que faz com que cada um atribua um sentido pessoal aos conteúdos. O agente social deve utilizar uma pedagogia que cria possibilidades de o jovem ouvir,

falar, pensar, escolher, ser mais ágil, ser mais habilidoso, se reunir em grupo, competir, de elogiar, criticar, jogar, fazer, compreender, se solidarizar, se mobilizar, participar, cooperar e criar. Essa pedagogia responsabiliza-se em pensar e praticar uma educação comprometida com a ampliação do horizonte do jovem. O caráter essencial desse processo não está em adaptar o jovem, mas sim em estabelecer uma nova relação desse com o mundo.

Ao compreender o que faz, o jovem liberta-se da obediência e, consciente, desenvolve atitudes morais. O agir consciente, devidamente permeado pela inteligência e afetividade - quando o jovem se obriga e não é obrigado - permite a conquista da autonomia. A contribuição oferecida pela educação humanizadora é a possibilidade que se tem de convivência entre os jovens, do encontro humano, da socialização que se efetiva entre eles, na formação de novas amizades, na compreensão da importância do trabalho em equipe e na identificação com os colegas.

Além disso, é fundamental valorizar o momento presente e a alegria do jovem. A alegria é capaz de desenvolver no jovem o olhar para dentro de si, fomentando a busca do auto-conhecimento, elementos substanciais para a construção de um processo educacional humanizador. Com a utilização do componente lúdico, os jovens adquirem uma postura de espontaneidade que os desarma das posições convencionais que a sociedade neles desenvolve.

“Ah, eles são muito abertos, eu sinto uma carência muito grande em relação a eles. Ele têm muita vontade de aprender a cultura deles. Eles sentem que existe um certo preconceito a eles, entende, eles se fecham um pouco para a cultura deles e não querem abrir, expandir aquilo, entende. Eu acho que é por isso que eu tento trabalhar com a cultura deles, mostrar que aquilo tem muito valor e deve sim ser mostrado pra todo mundo, pra própria sociedade como um todo, querendo respeito e igualdade.” (A51)

ATIVIDADES ESPORTIVAS NO PELC PRONASCI

“Nem todas as atividades estão sendo desenvolvidas, até porque teve atividades que os jovens não se interessaram, por exemplo, o atletismo, nenhum jovem se interessou em fazer a atividade de atletismo, então nós não temos atletismo Pelo menos por enquanto até que a gente consiga formar um grupo de jovens que esteja interessado no atletismo.” (CN3).

A proposta do PELC PRONASCI é utilizar as atividades esportivas como instrumento educativo para fazer com que os jovens reflitam sobre seus diversos aspectos, além de retirar das atividades situações problemáticas para serem solucionadas pelos jovens. Os núcleos devem enfatizar os aspectos relativos ao componente lúdico da cultura, os quais permeiam jogos e brincadeiras e que, por serem realizados a

partir de movimentos corporais, também devem fazer parte dos elementos que compõem a cultura corporal.

O núcleo pode ser considerado um rico espaço para disseminação da educação de caráter humanizador. Para que tal situação seja alcançada, algumas questões deverão ser reavaliadas, tais como: as posturas e atitudes do agente social; a formação e os princípios que permeiam essa formação; a visão esportivizada que ainda acompanha os objetivos de alguns agentes sociais; a concepção de homem e sociedade que esse agente social assimilou.

Os esportes são paradigmáticos para a moralidade humana, pois representam atividade interindividual regulada por normas que podem ser modificadas pelos membros de cada grupo de jogadores. O esporte, ao educar habilidades, capacidades e atitudes, está diretamente relacionado com a formação humana, ou seja, com educação moral, educação em valores, construção da cidadania e de sentimentos em relação a si mesmo e em relação aos outros.

As relações estabelecidas nas oficinas têm um forte significado. Por isso, a fonte do discurso do facilitador deve ser a experiência autenticamente vivida pelo grupo de alunos e não imposta por regras de comportamento abstratas. O discurso deve trazer uma contraposição aos conflitos surgidos no in-

terior do grupo, onde o grupo toma consciência do que faz, interage e estabelece trocas. Assim, partindo de elementos concretos, o agente social desempenha um ato de solidariedade, de empatia e de carinho, elevando a consciência dos jovens sobre a prática, sobre o acontecido.

Não basta que as modalidades sejam apenas ensinadas, mas assimiladas pelos jovens. Ainda que bem ensinados, é preciso que os conteúdos liguem-se à significação humana e social do jovem. Logo, é necessário permitir que os jovens critiquem o esporte dentro de um determinado contexto socioeconômico, político e cultural. Ao elaborar regras de acordo com a realidade e necessidades do grupo, os jovens vivenciam um exercício de criatividade, ao mesmo tempo em que criam alternativas para suas necessidades e soluções para os problemas propostos. Dessa forma, o esporte oportuniza aos jovens uma reflexão para além de sua prática.

OBSERVAÇÕES SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NOS NÚCLEOS

“Bom, no meu caso só funciona o futsal. Eu já passei algumas atividades de basquete e handebol. Mas realmente o que eles querem é o futebol. E eles adoram o futebol, vão sempre, até em dias de chuva. Eu acho que é legal levar coisas novas, de repente

eles não gostam do basquete de rua porque eles desconhecem. Na minha comunidade tem um pessoal que pratica basquete, mas não estão em projeto nenhum. No basquete você pega uma faixa etária maior, o pessoal que joga basquete de rua é de 15 pra cima. Tem hora que de repente a questão de não dar certo é que aqui ninguém é professor de streetball. A maioria faz faculdade de educação física, ou algo na área e a gente tem um certo conhecimento, mas não a fundo pra dar aula mesmo”.

A natureza das atividades oferecidas, ou seja, o tipo de modalidade ofertada desempenha importante papel no nível de inclusão social. Apesar de as modalidades oferecidas pelos núcleos serem adequadas ao público-alvo, acredita-se que há espaço e interesse dos jovens para a prática de outras atividades. Os jovens participam das modalidades oferecidas e gostam de participar. Mas isso não é suficiente. O compromisso social do agente e do coordenador reside justamente em transformar o ambiente, de forma que o jovem possa experimentar coisas novas e exercer sua criatividade.

A forma como as atividades são oferecidas tem relação de causalidade com a inclusão social. Ou seja, a metodologia de aplicação das modalidades influencia no envolvimento dos jovens. As atividades são executadas pelos agentes. Logo, o perfil do agente desempenha papel fundamental no nível

de inclusão social. A pesquisa diagnóstica observou que vários agentes sociais e coordenadores de núcleo se esforçam e conseguem fomentar valores nos jovens, incentivando neles o sentimento de pertencimento. Foi observado também que o agente muitas vezes desempenha o papel de modelo frente a esses jovens.

Os dados coletados nessa pesquisa confirmam parcialmente a hipótese de que tanto o tipo de modalidade oferecido quanto a metodologia aplicada pelos agentes e coordenadores são variáveis importantes para inclusão social. Mediante a identificação desses aspectos foi feito um levantamento das modalidades de esporte recreativo e lazer como sugestão para os núcleos.

Conforme já mencionado, a presente análise esteve restrita a região Sul, inicialmente, a qual é representada pelo município de Canoas. Dessa forma, as conclusões aqui postas são parciais e merecem posterior comparação com análises das informações das demais regiões geográficas. Além disso, falar em modalidades sem ouvir os jovens, torna qualquer análise limitada. Daí a necessidade de se ir a campo investigar a percepção dos jovens em relação ao que está sendo oferecido. A partir de uma análise desses instrumentos será possível confrontar a opinião dos jovens com os depoimentos aqui expostos.

CAPÍTULO 03

Estratégias

O núcleo pode ser considerado um rico espaço para disseminação da educação de caráter humanizador. Para que tal situação seja alcançada, algumas questões deverão ser reavaliadas: as posturas e atitudes do agente social; a formação e os princípios que permeiam essa formação; a visão esportivizada que ainda acompanha os objetivos de alguns agentes sociais; e a concepção de homem e sociedade que esse agente social formulou.

Além disso, o perfil de um agente social “humanizador” nada tem de autoritário e destruidor da personalidade do jovem. Ao contrário, o agente social deve organizar as atividades como um espaço propício para a estruturação da personalidade e liberdade para a expressão do jovem, oferecendo um clima de segurança propício para o fluir da criatividade, fomentando a busca de soluções para as questões propostas.

As propostas de ação no âmbito da cultura vivenciada no tempo disponível precisam ser discutidas e elaboradas em conjunto com as comunidades locais. Sugere-se elaborar um rol de sugestões a partir da interação com a comunidade. Com base nisso, a proposta do PELC/PRONASCI deve propor

uma prática educacional desvinculada da prática convencional, dando assim mais ênfase a conteúdos diversos que possibilitarão abordagem mais aprofundada junto ao jovem, enfocando questões relacionadas à construção do conhecimento, à reflexão que ele possa elaborar, garantindo-lhe maior compreensão de si e da sociedade.

PARA REFLETIR

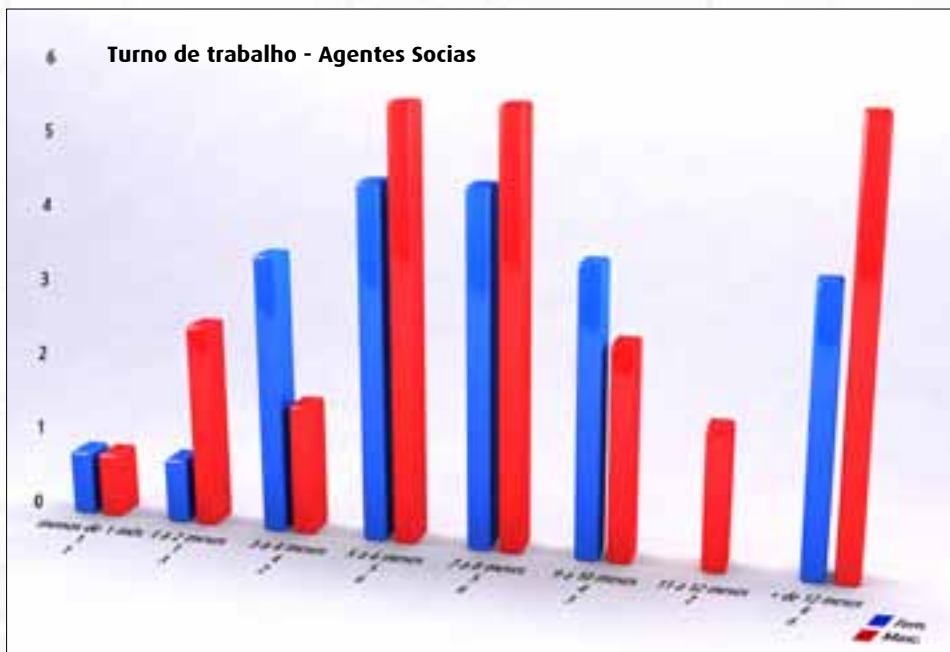
- » Será que o agente social ao invés de deixar o jovem sentir o prazer do lúdico do jogo, procura desenvolver a resistência, a coordenação, a velocidade, o equilíbrio e uma série de outros objetivos que não aqueles próprios da atividade lúdica?
- » A pedagogia praticada nos núcleos está comprometida com a construção de um indivíduo mais autônomo?
- » Qual é o panorama da metodologia praticada nos núcleos?
- » Por acaso os agentes sociais estão despreparados ou desmotivados?
- » Os jovens estão abandonados nas quadras?
- » Os programas estão reduzidos à prática do futebol?
- » Observa-se ausência de planejamento e objetivos claros?
- » O comportamento do agente social é autoritário ou omissivo?

SOBRE AS ATIVIDADES DE ESPORTE RECREATIVO E DE LAZER DO PELC/PRONASCI

Uma das primeiras questões direcionada aos entrevistados diz respeito ao período de trabalho no PELC/PRONASCI. Conforme pode ser visto na tabela abaixo, treze dos entrevistados já estavam atuando no programa entre seis a

oito meses no momento da entrevista. Essa informação é importante para saber o quanto os entrevistados haviam acumulado em experiência com o público-alvo. Acredita-se que seis a oito meses é um período suficiente para se obter informações sobre vários aspectos do programa e, sobretudo, para se obter uma ideia de como o profissional percebe sua interação com os jovens.

Figura 5 – Tempo de atuação dos agentes sociais entrevistados



As modalidades propostas pelos núcleos devem ser diversificadas. No entanto, o futebol é a modalidade mais procurada pelos jovens. Muitas vezes essa preferência se dá pelo fato de ser uma atividade familiar e praticada com grande frequência pelos

membros da comunidade. Apesar da maioria dos entrevistados afirmarem que a preferência dos jovens é sempre pelo futebol, muitos agentes sociais demonstram grande esforço em apresentar aos jovens outros tipos de atividades além dele.

Atividades oferecidas que os jovens mais gostam

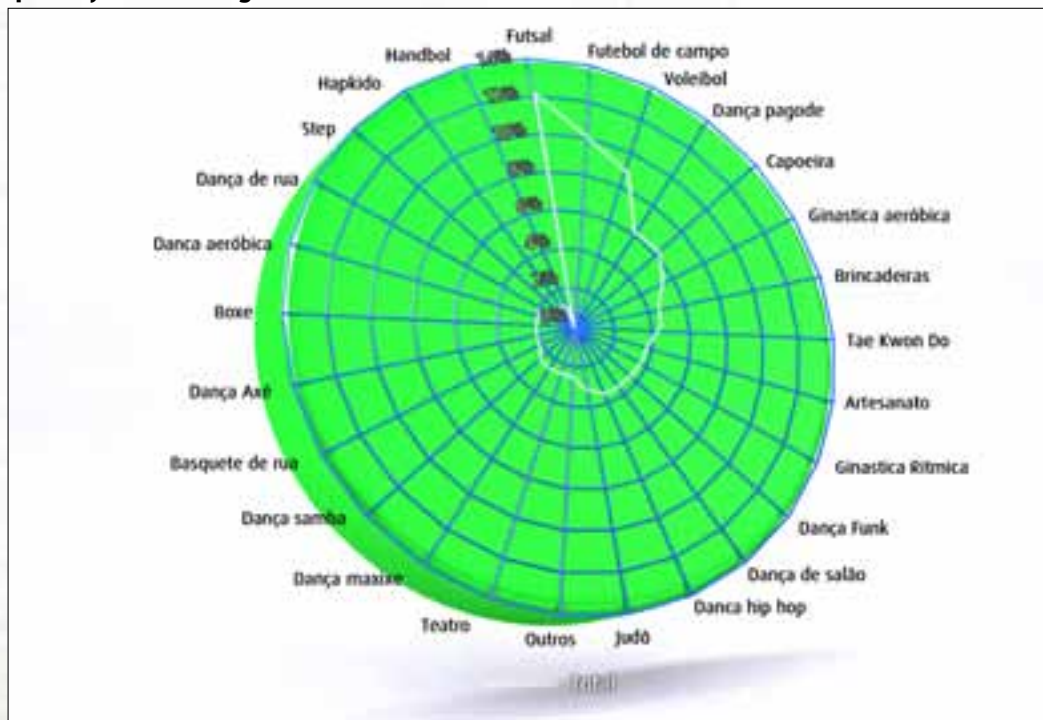


Figura 6 – Atividades oferecidas que os jovens mais gostam na opinião dos agentes sociais entrevistados

As modalidades propostas pelos núcleos devem ter horários diferenciados a fim de viabilizar a frequência dos jovens. Além disso, as atividades desenvolvidas no turno noturno e aos finais de semana devem ser priorizadas tendo em vista a procura. De acordo com as entrevistas, muitas das

atividades são de fato realizadas nos finais de semana e nos turnos vespertinos, mas ainda não se observam tantas oficinas sendo realizadas à noite, o que exige dos agentes sociais e coordenadores muita articulação para obtenção de espaço nesses horários.

Figura 7 – Distribuição do turno de trabalho dos agentes sociais entrevistados

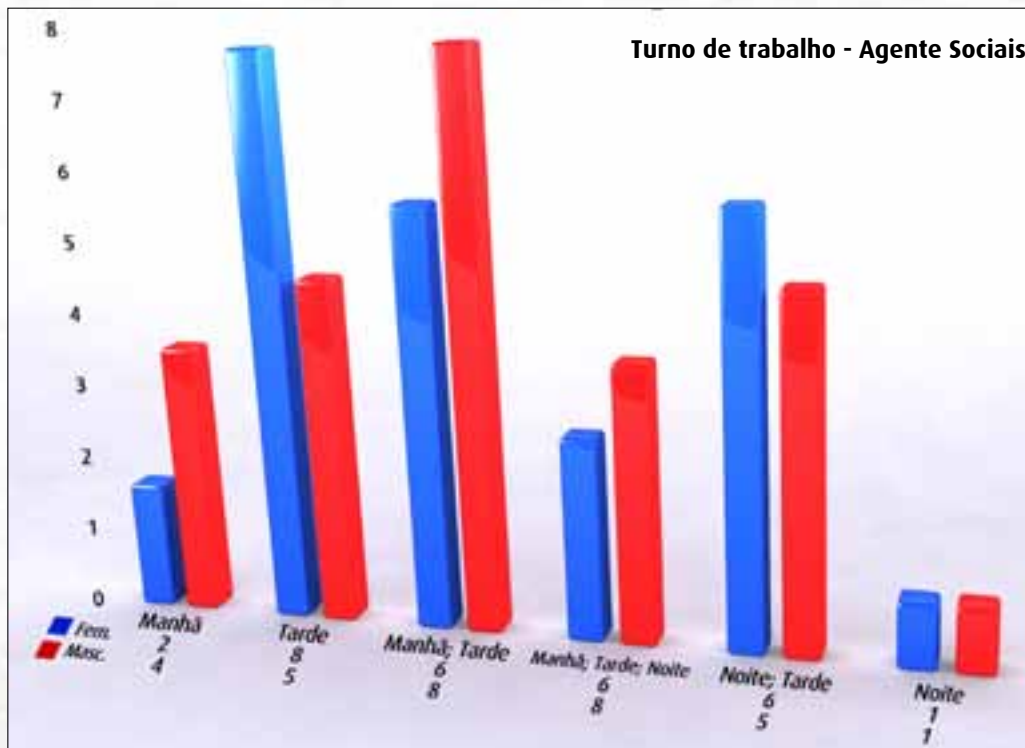
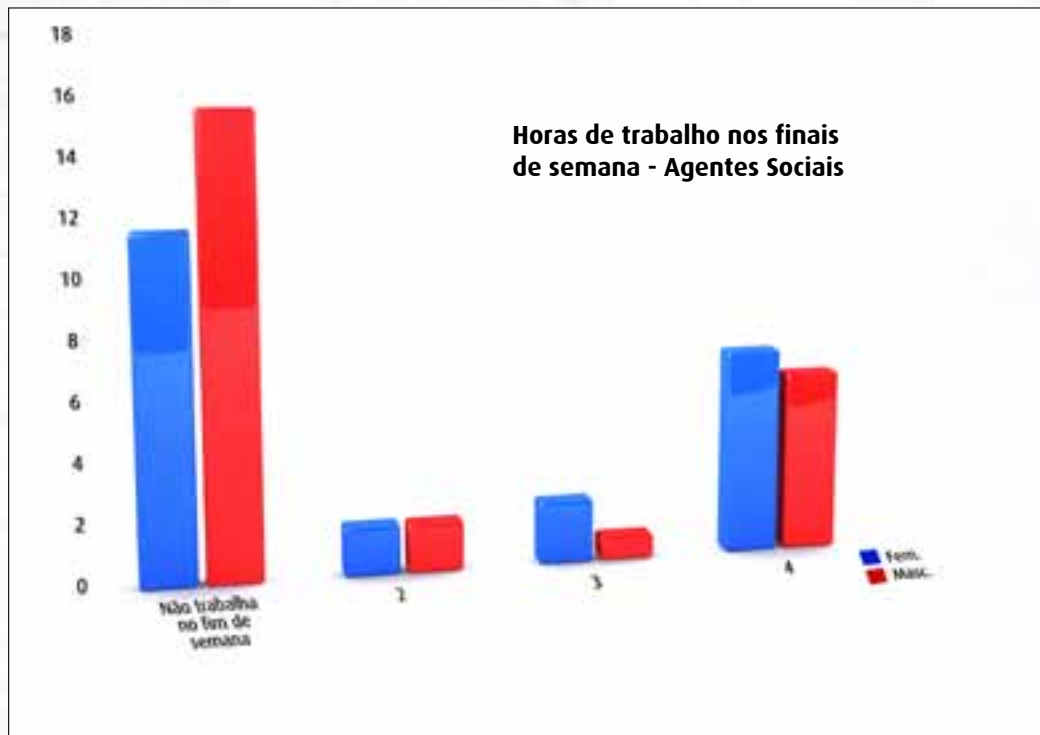


Figura 8 – Carga de trabalho nos finais de semana de acordo com os agentes sociais entrevistados



Muitas vezes as atividades são decididas sem que a comunidade seja ouvida. O planejamento das atividades não pode ficar restrito aos tomadores de decisão do programa. Esse engajamento limitado coloca os jovens em atividades que

perdem sentido no decorrer do tempo, tratando-os não como participantes, mas como beneficiários. Não é suficiente priorizar apenas a oferta de espaços de participação aos jovens, obstruindo a luta pelo reconhecimento dos demais direitos da

juventude. Não se deve lançar sobre a juventude o peso da transformação social sem ouvir ou dimensionar as demandas juvenis. O PELC/PRONASCI deve procurar mudar essa atitude e ter como fundamento principal promover cidadania aos jovens e instigar a tomada de consciência de seus direitos e deveres.

QUAL É A RELAÇÃO DOS JOVENS COM AS ATIVIDADES OFERECIDAS

As oficinas realizadas pelos núcleos não só capacitam como educam atitudes e valores. Uma atividade que se proponha a educar atitudes toca em temas como os de melhor se conhecer, o que implicará numa atitude reflexiva, e de como se relacionar com as outras pessoas, o que acarretará em respeitá-las, ouvi-las, se fazer ouvir, se colocar no lugar dessas, tomar decisões, se reunir em grupo, cooperar, dividir espaços, se expressar, se responsabilizar por algumas coisas, selar acordos e respeitá-lo, e também em exercitar a reflexão.

Ao fomentar a visão crítica e criativa, o jovem passa a se compreender como cidadão com direito de ser autêntico em suas manifestações, pois, uma vez conhecedor de sua posição na sociedade, deixará de se colocar de forma omissa e oprimida. A partir do conhecer-se e adquirir a percepção de

si, o jovem estará também expandindo tal percepção com relação às questões sociais que lhe afeta. Assim, o objetivo da educação humanizadora é oferecer ao ser humano subsídio para que esse tenha condições de construir a si mesmo e a sociedade de maneira menos alienada. Dessa forma, o jovem passa a refletir e considerar-se com direito a questionar, conhecendo seus potenciais para se acreditar com forças para transformar tanto a si quanto a realidade à sua volta.

A maioria dos entrevistados disse que a relação dos jovens com as atividades oferecidas é positiva e demonstra uma relação de satisfação do jovem por participar do programa, como foi relatado a seguir:

“Os jovens que estão efetivamente participando aderiram mesmo, eles participam, eles não faltam às aulas, são muito participativos. Eu tenho avaliado que eles atribuem sentidos, significados, às atividades que eles estão participando. Tenho percebido que eles sentem muito prazer em frequentar as atividades, eles vão lá, eles se divertem muito nas atividades que eles participam. Tanto o grupo de teatro, quanto o grupo de dança, quanto o grupo de futebol que faz a prática na praça, tá bem consolidado. Raramente eles faltam, eles têm participado efetivamente das atividades.” (CN3).

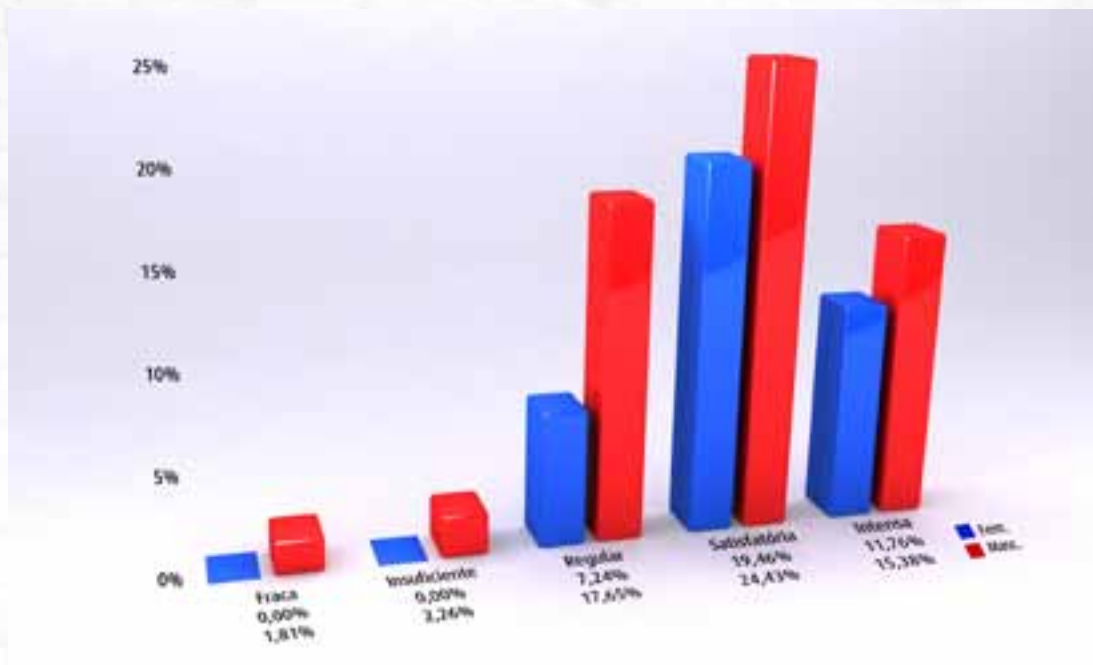


Figura 9 – Percepção da participação nas atividades do PELC/PRONASCI dos jovens entrevistados

A repressão e a alienação constroem uma forma limitada e empobrecida de comunicação, assim como limita a expressão do jovem de suas emoções exteriorizadas por intermédio do corpo. A contribuição ao crescimento do jovem está vinculada ao exercício de fazê-lo conhecer-se, tornando-o livre e responsável pela sua existência, favo-

recendo-lhe a tomada de consciência de si enquanto ser no mundo, dotado de sentimentos e do direito de expressá-los. A educação humanizadora é entendida como um instrumento de promoção do desenvolvimento humano, tendo no elemento lúdico da cultura um agente motivador e facilitador desse processo.

O lazer é um meio privilegiado para a educação. Além do mais, para a prática positiva das atividades de lazer são necessários o aprendizado, o estímulo e a iniciação, desenvolvendo o espírito crítico, na prática ou na observação, tratando o lazer como veículo de educação.

A FORMAÇÃO EM SERVIÇO

De acordo com o Manual de Orientações (SNDEL, 2009), a formação em serviço é tratada como módulo de aprofundamento. Esse módulo deve ocorrer durante todo o período do convênio com reuniões para estudo, troca de ideias, planejamento, palestras e oficinas. De acordo com o Manual, as reuniões devem ser no mínimo quinzenais.

Uma forma de aumentar a qualidade das reuniões sistemáticas e, sobretudo, lidar com dificuldades encontradas durante a prática de modalidades esportivas e de lazer, é trazer para os núcleos trabalhos já realizados sobre juventude, violência, identidade juvenil, criminalidade. Incluir oficinas, conforme indicado pelo Manual de Orientações, e até mesmo debates com jovens sobre temas pertinentes à realidade dos mesmos é uma prática que deve ser adotada por todos os coordenadores e agentes sociais.

Conforme depoimento de um coordenador de núcleo, as reuniões sistemáticas – em outras palavras, o módulo de aprofundamento – têm o papel de socialização de acontecimentos diários, além de gerar a oportunidade para se trabalhar alternativas de como resolver os problemas, de acordo com a maioria dos depoimentos coletados. Ou seja, os coordenadores e agentes se reúnem conversam sobre o dia-a-dia e pedem orientações de como proceder em determinadas questões. Segue um exemplo, nas palavras de um coordenador:

“(...)em reuniões semanais a gente discute tudo o que acontece durante a semana pra gente remanejar um novo planejamento de acordo com as circunstâncias. A gente discute todas as ações que ocorrem dentro do próprio trabalho prático deles. Justamente para a gente tirar a experiência de todos e possa melhorar os objetivos, atrair.... e fazer com que o jovem permaneça, goste né....para a gente trabalhar junto com eles.” CN2

Limitar a formação em serviço às reuniões entre coordenadores e agentes sociais não é suficiente para dar um salto qualitativo nas ações do PELC/PRONASCI. É extremamente importante que os coordenadores e agentes procurem qualificar suas reuniões e discussões por meio de orientação especializada e voltada para os temas pertinentes àquela comunidade, e especialmente àqueles jovens.

ORIENTAÇÕES DO PELC/PRONASCI PARA O TRABALHO COM JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

Ao perguntar sobre orientação técnica para trabalhar com jovens em situação de vulnerabilidade, os entrevistados relacionaram orientação técnica recebida também antes de se vincularem ao PELC/PRONASCI. As respostas estiveram baseadas não apenas na informação recebida durante o módulo introdutório, mas principalmente no treinamento pessoal adquirido na faculdade ou em outros empregos, como o seguinte exemplo:

“(...) como eu já fiz faculdade de dança/educação física a gente tem uma psicologia da educação, tem uma cadeira que é restrita a isso.” (AS1).

Ao perguntar aos agentes sociais como eles são preparados tecnicamente para trabalhar com os jovens, a maioria dos entrevistados disse ter aprendido muito durante o módulo introdutório, o que pode ser verificado nos depoimentos abaixo:

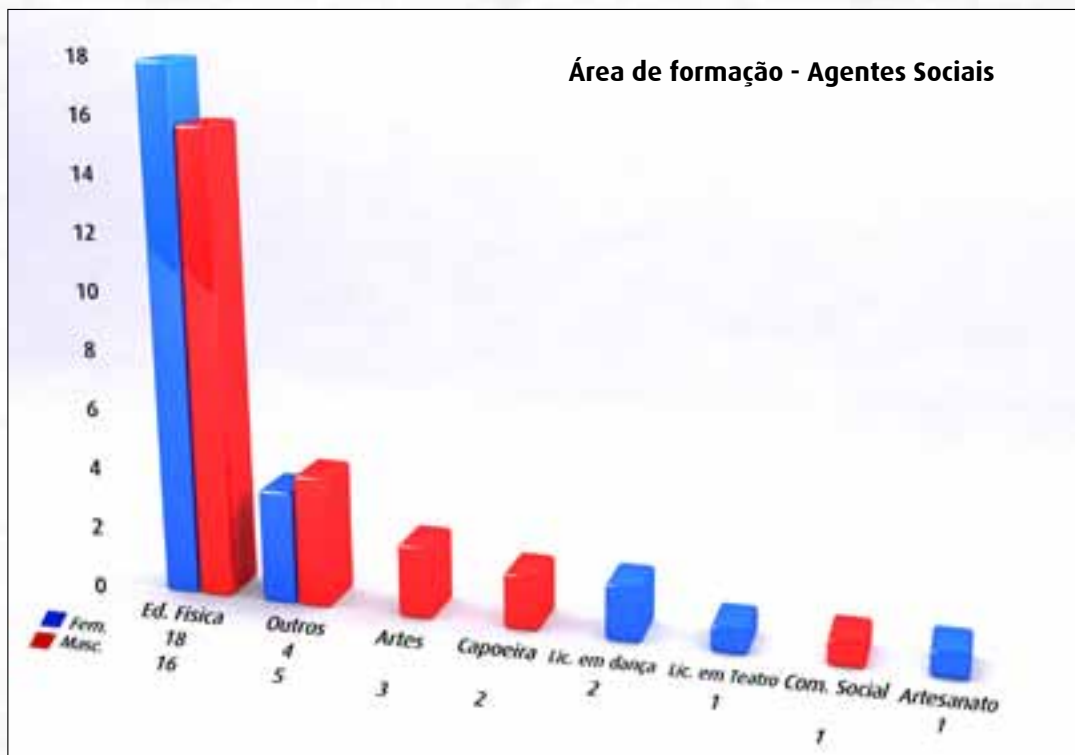
“A gente fez a formação do Pelc e eu achei que foi maravilhosa porque entrou aquela questão do ECA, entrou as questões das leis que era uma coisa que a gente ia trabalhar e não sabia como trabalhar. Então, pra mim, foi extremamente enriquecedor.” (AS2:).

Certamente, a função do módulo introdutório de orientar os profissionais sobre as especificidades do programa e do público-alvo foi cumprida no município de Canoas. No entanto, verifica-se falta de continuidade da formação, que deveria estar presente durante todos os meses de execução do convênio.



Figura 10 – Participação na formação introdutória dos agentes sociais entrevistados

Figura 11 – Área de formação dos agentes sociais entrevistados



Essas orientações técnicas são extremamente importantes, pois transformam-se em oportunidade para se aprofundar e se qualificar cada vez mais as atividades rotineiras do projeto, conforme depoimento a seguir:

“Nós temos reuniões também com os coordenadores e bolsistas junto com a Secretaria de Esporte, (...) essas reuniões a gente tem uma preparação técnica de como tratar o procedimento do trabalho com o PELC. Justamente nesses momentos a gente faz

com que o grupo fique mais homogêneo, dentro do mesmo objetivo. E com isso a gente conseguiu em Canoas que os bolsistas e coordenadores vistam a camiseta em conjunto.” (CN2).

Reuniões sistemáticas são essenciais para socializar os acontecimentos da semana. No entanto, não são suficientes se não forem subsidiadas por debates relativos a temas definidores como juventude e violência. O depoimento a seguir ilustra bem a necessidade de saber lidar com problemas como a agressividade e o uso de drogas:

“Existe alguns casos de jovens que tenham uma certa agressividade em função do ambiente, jovens até quem sabe envolvidos né..... Então é um pessoal que tem uma outra ótica de vida, de procedimento, de comportamento. Então eu trabalho com os meus bolsistas principalmente nessa questão de como trabalhar para ir mudando aquele caráter daqueles jovens que estão envolvidos. Então existe realmente uma metodologia que funciona, vagarosa e vagamente, né. mostra o exemplo de procedimento e vai fazendo o trabalho gradativamente até conseguir o objetivo. E a gente está conseguindo esses objetivos sim. Mesmo que devagar.” (CN2)

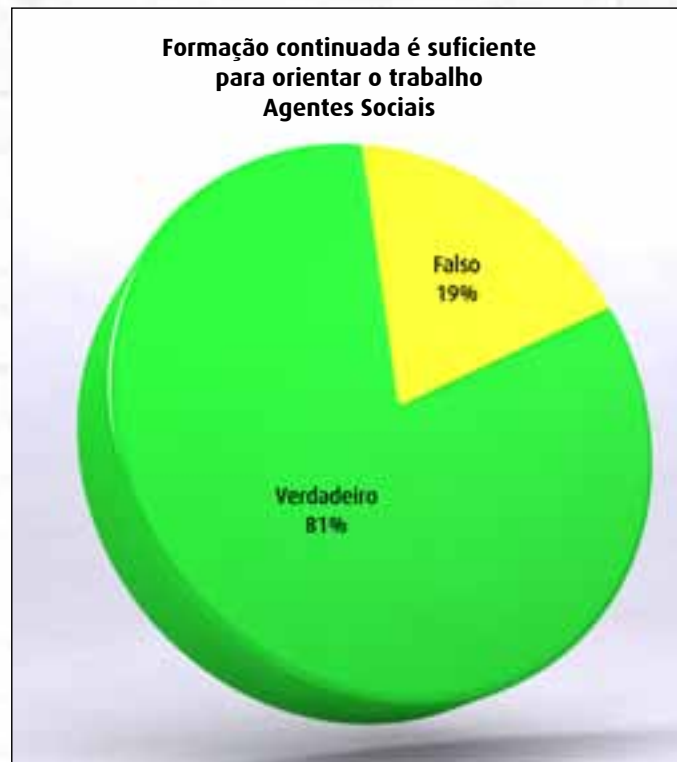


Figura 12 – Percepção sobre a formação continuada dos agentes sociais entrevistados

OS CANAIS DE COMUNICAÇÃO ENTRE OS AGENTES SOCIAIS E OS COORDENADORES

Ao entrevistar os atores do PELC/PRONASCI de Canoas, perguntou-se sobre a comunicação dos agentes sociais com seus superiores em relação ao andamento das atividades. Alguns agentes sentem-se cobrados em relação à quantidade de jovens inscritos. Ou seja, parece que a necessidade de se atingir a meta em relação ao número de inscritos, estipulada no Projeto Básico, tem o efeito de criar uma “disputa” entre bolsistas e coordenadores quanto a quem consegue o maior número. Ou seja, aquele que tiver mais jovens é visto de forma positiva. De acordo com AS1 *“(...) os coordenadores pedem para a gente conquistar os alunos, e eu me sinto até de algemas, porque eu não tenho muito o que fazer, eu fico mais focado nas minhas aulas e quando eu chego nessa parte de divulgação fica muito restrita.”*

É possível que tal cobrança desencadeie uma atitude positiva na qual os agentes se esforcem mais para conquistar os jovens para que, não só permaneçam frequentando as atividades, como também divulguem o programa para seus amigos, desempenhando uma das melhores formas de divulgação, que é o boca-a-boca. Mas conquistar um participante, de forma alguma, retira a responsabilidade de agentes e coordenadores de se engajarem em mobilização comunitária.

Recebe apoio institucional do município quando há problemas em suas oficinas? Agentes Sociais

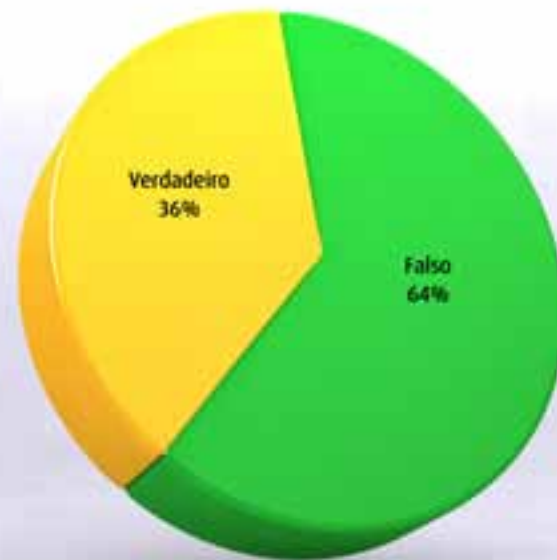


Figura 13 – Percepção sobre o apoio institucional dos agentes sociais entrevistados

Para que haja canais de comunicação entre coordenadores e agentes é necessário que exista, desde o primeiro contato, idealmente realizado no módulo introdutório, interação constante entre eles. O coordenador deve valorizar o trabalho do agente, de forma a procurar suprir, sempre que possível, as necessidades de material, estrutura do local e qualquer outra demanda que surgir para o bom desempenho das modalidades. Durante a organização de eventos, é preciso que o agente diga quais são as condições necessárias para se obter boa atuação durante o evento e evitar mal entendidos. O coordenador deve estar sempre acessível e presente nos núcleos para atender prontamente as demandas dos agentes e interagir com os jovens.

Já o agente social precisa encontrar no coordenador uma pessoa aberta e criativa para lidar com demandas inesperadas, como por exemplo, uma briga de jovens envolvendo facas ou armas. Momentos como esse são infortúnios, mas ao mesmo tempo, oportunidade de lidar com o tema da agressão, resolução de conflitos e violência entre jovens da mesma comunidade. Pois, uma vez que o fato esteja na pauta e recente na memória dos jovens, torna-se mais oportuno o debate e o aprendizado. Sem falar que um jovem interessado participa muito mais da discussão e contribui com suas impressões.

COMO DEFINIR A ESTRUTURA DO LOCAL

O núcleo, como equipamento e como organização de educadores, representa um centro de cultura popular. Sua tarefa educativa é efetuada a partir do cotidiano local, fornecendo os instrumentos necessários para a superação do senso comum. Em termos de espaço, o núcleo precisa ultrapassar os limites dos muros dos prédios escolares, estendendo-se a outros equipamentos da comunidade.

“A gente tá tentando se expandir, sair um pouco do colégio, porque a gente fica muito restrito aos horários deles e a gente está dando preferência para os horários dos alunos. Existe uma escola de samba, que é um galpão, perto do colégio onde a gente está buscando os horários ali também, pra implantar o projeto lá. (...) O pessoal do futebol trabalham muito em praças, em campos ali em volta, lugares públicos que existem ...” (AS1).

O núcleo atua no plano cultural e social. No plano cultural deve ser orientado por princípios de valorização da cultura popular, buscando o equilíbrio entre os vários conteúdos e a sua identificação com as bases locais e regionais. No plano social deve ser orientado a atender os jovens a partir de seus interesses, procurando recursos materiais alternativos e exercendo pressões para obtenção de no-

vos recursos. O núcleo deve procurar também articulações com órgãos e instituições locais sem que se abra mão do compromisso de mudança da situação, portanto, do compromisso político. Esse compromisso é evidente no relato abaixo:

“... Não há muitos espaços destinados a atividades esportivas e de lazer até pela maneira desordenada que o bairro vem sendo ocupado. Na praça já ocorreram uma serie de assaltos, já houve tráfico de drogas, comércio de bebidas alcoólicas, de cigarros, já houve homicídios. Então aquela praça não é bem vista pela população do bairro, tanto que as mães evitam de deixar seus filhos irem ali. Essa praça é um local estratégico pra gente desenvolver uma atividade do PELC. E tinha um grupo de jovens ali. Estavam sentados conversando e eu cheguei e me apresentei pra eles, expliquei que eu era um coordenador de um projeto social e perguntei pra eles se eles queriam me ajudar a construir uma atividade ali. E eles toparam. “Vamos chamar nossos amigos sim”. Então foi a partir daí que nós conseguimos organizar o horário lá. Alguns filhos, onde as mães não deixavam eles frequentarem, já começaram a deixar eles frequentarem a praça. Nós conseguimos alguns anexos até porque a gente sentiu a necessidade de buscar espaços alternativos. Se nós fossemos somente desenvolver atividades dentro da escola então não ia conseguir atender a toda demanda.” (CN3)

LIDANDO COM AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS JOVENS

O desempenho do agente social, de acordo com a filosofia de uma educação que contribua para o crescimento humano requer uma nova postura do profissional frente aos objetivos da matéria e da maneira de conduzir suas atividades educacionais. O agente social constrói uma relação com o jovem com base em significado profundamente existencial. Trata-se de uma forma de intervenção educacional que estimule a expressão livre e espontânea da personalidade do jovem, dando-lhe novo significado mental e uma nova percepção dos fatos.

Ser um agente social ou um coordenador sugere ação, continuidade, insistência e voluntarismo. O agente e o coordenador têm como motivação básica tanto o prazer de se dedicarem a algo com que se identificam, quanto aos valores pessoais que conferem à cultura. A ação é seu traço mais forte. Ele age, faz, participa, realiza. Saber transitar e agir no tempo livre, com jovens frustrados pelo trabalho e desmoteados por não terem o que fazer, desejosos de tudo e quase sempre também indiferentes a tudo é uma habilidade em permanente desafio (GARCIA, 1995).

O que move a ação do agente social é um quadro de valores com relação à cultura, entendendo-a como um bem social capaz

de contribuir para o desenvolvimento dos jovens, ajudando-os a perceber melhor o mundo em que vivem e a transformá-lo num bem social capaz de torná-los mais humanos e felizes.

Estes valores fazem parte da personalidade do profissional e o diferenciam dos demais: certa inquietação com relação aos problemas, certa indignação com relação às desigualdades culturais e a necessidade de agir. O profissional sente-se como que moralmente compelido a agir para mudar o quadro que lhe provoca extremo desconforto, e essa é sua motivação principal. O profissional incorpora a idéia de uma destinação de caráter social movendo sua ação:

“O que tem impedido algumas vezes de os jovens participarem é essa questão de horário. Tem horário que os jovens não podem vir participar porque está estudando, trabalhando, fazendo um curso. É essa dificuldade que a gente está encontrando, a gente não tem mais alternativas de horários, então por isso que nós queríamos oferecer mais horários.” CN3

COMO REALIZAR A MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Mobilização comunitária envolve muito mais que a simples organização de um evento. Mobilizar requer do

agente, ou do coordenador, sair às ruas, conversar com a comunidade, abordar os jovens, se aproximar de grupos organizados, enfim mergulhar na realidade do local. Logo, mobilização comunitária não se limita a apresentações de coreografias ou a realizar jogos durante eventos organizados pelo programa.

Isso de forma alguma significa tirar o mérito e impacto dos eventos comunitários, os quais são fontes de relações intergeracionais extremamente importantes. Os eventos têm sua importância ao mostrar para a comunidade o que está sendo oferecido e, conseqüentemente, aumentar o número de inscrições. O ponto aqui defendido é que mobilização comunitária envolve também a atuação na comunidade independente de eventos.

Mobilização comunitária significa ainda acompanhar o comportamento do jovem durante as oficinas e, caso o jovem falte, ir atrás para descobrir o motivo da falta. Essa proximidade do bolsista com o jovem é de grande valia e tem sido bem abordada pelo PELC/PRONASCI, pois uma das exigências na contratação do agente social é que o mesmo resida no bairro onde irá atuar.



Figura 14 – Distribuição dos agentes sociais que moram na mesma comunidade onde trabalham

É papel do agente conversar com a família do jovem para saber o motivo das faltas, conforme o seguinte depoimento:

“Ai quando eu vejo que não estão vindo, e porque que não estão vindo, eu tento manter uma frequência de ligações assim semanais, onde eu vou lá, dou uma ligada pra galera, eu pergunto se não quer frequentar as aulas, porque se inscreveu e não está vindo, ou tá vindo mas parou de fre-

quentar a aula, sabe, pergunto porque se aconteceu alguma coisa”. AS1

IMPACTOS DO PROGRAMA

A pesquisa satisfaz curiosidades por meio de avanços no campo do conhecimento. O pesquisador está curioso. A pesquisa busca conclusões e é direcionada a partir de compromissos e

palpites do investigador. O objetivo é conceituar e entender o fenômeno escolhido - um achado particular é apenas um meio para aquele fim. Consequentemente, o pesquisador se concentra em pessoas e locais os quais ele espera que lhe tragam revelações (SANDERS e WORTHEN, 2003).

Já a avaliação contribui para a solução de problemas práticos pelo julgamento de valores sobre o que está sendo avaliado. O avaliador está preocupado. A avaliação leva a decisões. O investigador de uma avaliação fornece informações que interessa a alguma pessoa responsável por tomar decisões (SANDERS e WORTHEN, 2003). Trata-se de um estudo encomendado.

Essa pesquisa em hipótese alguma tem a pretensão de avaliar o PELC/PRONASCI. Muito pelo contrário, o objetivo principal é compreender de que forma o Programa promove inclusão social de jovens em situação de vulnerabilidade social.

Para se analisar o impacto real do PELC/PRONASCI, faz-se necessário realizar uma avaliação propriamente dita. Avaliação de programas sociais deve ir além da preocupação com resultados e impactos sociais desejados de políticas: deve buscar esclarecimentos úteis e indispensáveis acerca dos complexos problemas de gerenciamento envolvidos no caso. Em particular, esses problemas merecem ser devidamente prestigiados e superados, para que se assegure o sucesso de investimentos que

se pretende potencializar e tornar permanentes (MARINHO e FAÇANHA, 2001).

Avaliação de programas sociais é uma atividade específica, necessária, tecnicamente exigente e onerosa, tanto quanto benéfica para gerenciamento e monitoramento dos programas (Marinho e Façanha, 2001). A sugestão aqui dada é que se busque a contratação de consultoria especializada em monitoramento e avaliação de políticas públicas para que seja realizada uma avaliação do PELC/PRONASCI.

AFASTAMENTO DOS JOVENS DE SITUAÇÕES DE CRIMINALIDADE

Ao perguntar sobre a contribuição para o afastamento dos jovens das situações de criminalidade, todos os entrevistados acreditam que sua atuação de certa forma afasta o jovem da violência, conforme depoimentos abaixo:

“Eles ficam ligados em outras atividades, nesse período de aula em que eles estariam na praça, e na praça é um local de tráfico, é um local de consumo de drogas e tal, eles estariam ali e provavelmente seguiriam de um jeito ou de outro, então a gente dentro do nosso núcleo e dentro da minha sala de aula, é um ambiente diferente, é um ambiente de amizade, é um ambiente de aprendizado.” (AS1).

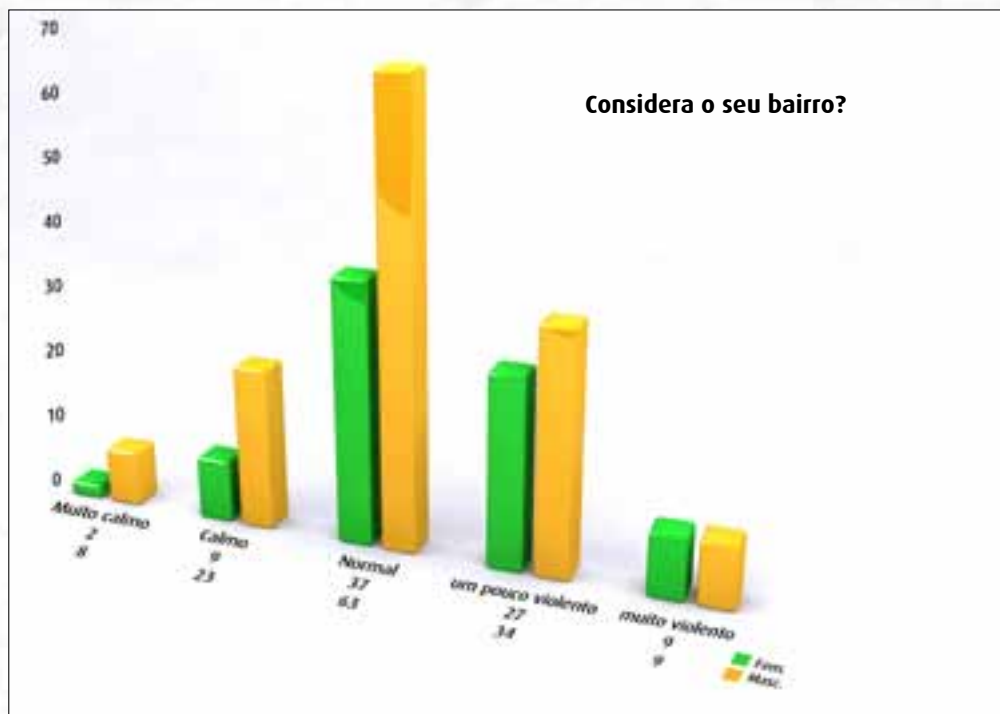


Figura 15 – Percepção da violência no seu bairro por parte dos usuários entrevistados

Ao mesmo tempo, os entrevistados têm consciência de que o PELC/PRONASCI por si só não é suficiente para resolver os complexos problemas que envolvem os jovens com relação à criminalidade, como exemplo temos o depoimento abaixo:

“Eu acho que com certeza afasta da violência, mas que certamente vai afastar, mas não vai impedir deles seguir aquilo né, porque depois eles vão sair e vão querer um emprego, vão querer uma oportunidade.” AS1

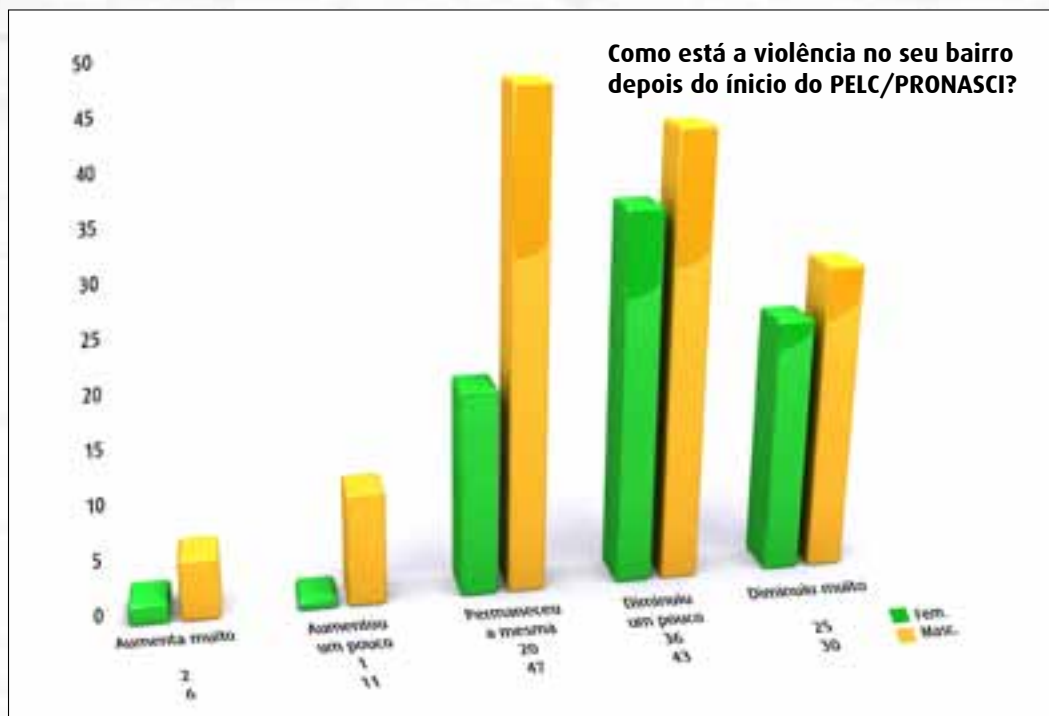


Figura 16 – Percepção da situação de violência depois do início do PELC PRONASCI

Quanto menor as oportunidades de inserção no mercado de trabalho colocadas à disposição dos jovens, mais degradantes são suas condições de vida. Isso afeta sua autoestima, mas deixa-lhes nítida a necessidade de que construam eles sozinhos suas próprias oportunidades. Os jovens dificilmente

ficam esperando que os problemas sejam resolvidos, assumindo posturas proativas, como a inserção no tráfico de drogas. É uma atitude extremada por tornar tão nítidas as potencialidades perdidas, os problemas não resolvidos, as demandas esquecidas, afastamento dos enormes problemas do cotidiano

e busca por trabalho, reconhecimento social, pertencimento e autoestima, mesmo que por um período muito curto e, no mais das vezes, com um fim trágico (MOREIRA, 2008).

“Um dia o agente social me liga para dizer que um dos meninos estava com uma faca e não ia deixar ninguém jogar. Ele estava drogado. E eu já havia dito que não podia jogar drogado. O PELC/PRONASCI o resgatou. Não fez ele parar de usar drogas, mas a gente não via relato que ele roubava mais. No dia das aulas ele era o primeiro a chegar. Ele passava na minha casa, pegava a rede, colocava no gol. Era uma pessoa excluída e eu comecei a dar valor para ele, de ele organizar, de ele puxar o alongamento e ele ficava todo alegre. Ele se sentia valorizado dentro do projeto. Ele não faltava às aulas do PELC/PRONASCI porque ele se sentia importante. Mas infelizmente mataram ele também. Ele tinha 24 anos, um filho de oito meses e morreu com três tiros.” (CN1).

O que será feito quando o prazo do programa acabar? Os jovens voltarão para o mesmo sistema de criminalidade? Voltarão para a mesma realidade na qual viviam, sem ter mais o apoio que recebiam; apoio de um programa temporário e que não teve continuidade? Essa descontinuidade já é fator de frustração dos jovens. Os jovens que vivem esse dia-a-dia ainda continuam buscando construir suas oportunidades e, se eles contarem com a continuidade de ações políticas e socialmente solidárias terão cada vez mais possibilidades de trilhar novos caminhos e recriar novas sociedades.

Portanto, para que haja um impacto de fato na redução da criminalidade é preciso continuidade das ações. A proposta do PELC PRONASCI é de que após os quatorze meses de duração do convênio, a entidade proponente assuma a continuidade do programa, reforçando o princípio da descentralização. A descentralização caracteriza-se pela participação mais acentuada das instâncias subnacionais de governo, tanto no financiamento como nos gastos governamentais. Dessa forma, seria necessário investigar quais convênios já encerrados deram continuidade ao projeto, sem a necessidade de um novo repasse do Ministério do Esporte.

O PAPEL DO PELC/PRONASCI

A disponibilidade de amigos está fortemente referida à localização física e à inserção dos indivíduos na estrutura social. É nesse sentido que o PELC/PRONASCI, ao criar condições favoráveis de ampla circulação dos jovens pelos espaços da cidade, pode, também, estimular a constituição de redes sociais plurais e não territorializadas.

Segundo o depoimento a seguir, há uma sutil mudança em relação à violência no bairro, mas ainda é cedo para se afirmar que tal mudança esteja diretamente associada com o PELC/PRONASCI:

“O meu ponto de vista, assim de, como moradora de bairro de caminhar dentro do bairro, mudou bastante. Tanto no quesito tiroeio, como no quesito drogas, assim... na praça, como no quesito da conscientização das pessoas, mudou muito, sabe. A violência diminuiu um pouco, não diminuiu muito.” AS2

Os núcleos, espaços de convivência pública, são indispensáveis para a criação de condições sociais favoráveis ao estabelecimento de redes de amizade. O tempo da juventude é momento de transformações corporais e afetivas e de construção de identidades, no qual a turma de amigos cumpre papel significativo na construção de subjetividades positivas (BRENNER, 2008).

AVALIAÇÃO DO PELC PRONASCI POR PARTE DOS ENTREVISTADOS

Houve também coleta de dados por outro método de pesquisa qualitativa – a aplicação de grupo focal – na cidade de Canoas e de Brasília. Deles pudemos extrair, entre outras questões debatidas, quais são os pontos positivos e os pontos negativos segundo os participantes daqueles grupos.

PONTOS POSITIVOS:

- a aceitação pela população quanto ao projeto;
- o desenvolvimento das atividades, que tem atraído as pessoas e mobilizado a população;
- o projeto local ter firmado parcerias com associações para atuar

na comunidade;

- os núcleos se situarem nas regiões mais afastadas do centro, ou seja, os núcleos do PELC PRONASCI estão nas periferias mais “perigosas”;
- os agentes sociais serem da própria comunidade a qual pode ser exemplificada com o seguinte depoimento: “Quem trabalha no PELC já mora no bairro onde trabalha há anos, isso facilitou o diálogo com a juventude do local.” Nele se percebe o reconhecimento da metodologia de pares, que é muito difundida na educação popular, como sendo válida para se trabalhar com o público do PELC/PRONASCI.

PONTOS NEGATIVOS

- faixa etária estabelecida pelo Pronasci – a maioria defendeu que se deveria começar a trabalhar com faixa etária mais jovem;
- sentimento de ter sido abandonado pelos gestores federais do PELC/PRONASCI;
- falta de oficina de profissionalização para os jovens;
- falta de um profissional da assistência social para apoiar as pessoas que aparecem nos núcleos em busca de alívio para seus problemas;
- falta de apoio institucional para a ação: pedem um escritório partindo do nível central para que o bombeiro e o policial estejam nos núcleos. Esse ponto reflete a visão ainda marcante de que o nível federal deve prover as ações do nível municipal;
- tempo de convênio insuficiente para promover a cultura da paz;
- burocracia para renovação dos convênios, dito pela maioria;

- ausência de papel desempenhado pelo GGIM - quando ele existe no local - porque esbarra em questões político-partidárias.

Como averiguar o impacto de um programa como o PELC/PRONASCI? O PELC/PRONASCI não se reduz à prevenção da violência, mas considera fundamentalmente as potencialidades impressas na vivência do esporte recreativo e do lazer como direitos plenos de cidadania. É principalmente nos momentos de lazer que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, suas simbologias, seus modos de ser e consolidam relacionamentos.

O tempo livre não é espaço apenas para atividades de lazer, cultura desinteressada e entretenimento. Ele é também momento de construção de relações sociais com múltiplas mediações e interesses, desde os mais orientados para a satisfação de necessidades pessoais objetivas até aqueles voltados para o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos.

O PELC/PRONASCI por meio do associativismo construído durante a prática de esporte recreativo e lazer cria condições para o exercício democrático da vida coletiva e fortalece a cultura participativa na vida pública.

O próximo capítulo expõe as diferentes práticas e adaptações relacionadas a diferentes oficinas. Essa parte representa muito mais do que um manual a ser aplicado pelos núcleos. A ideia é

fornecer um ponto de partida para os atores do PELC/PRONASCI identificarem qual atividade melhor reflete a identidade de sua comunidade, de sua região geográfica e, sobretudo, para que os mesmos estimulem a criatividade dos jovens na formulação de suas próprias modalidades esportivas e de lazer.

Os dados aqui apresentados confirmam parcialmente a hipótese de que tanto o tipo de modalidade oferecido quanto a metodologia aplicada pelos agentes e coordenadores são variáveis importantes para inclusão social. Mediante a identificação desses aspectos foi feito um levantamento das modalidades de esporte recreativo e lazer como sugestão para os núcleos.

MODALIDADES DE ESPORTE RECREATIVO E DE LAZER ESPORTE COLETIVO, INDIVIDUAL E RADICAL

“Dou aula na praça, então, eles queriam só jogar futsal. (...) Eu iniciei com futsal pra não ir apertando eles, né? Ai depois, eu iniciei com vôlei, só que daí, como tem muitos meninos, um dos..., da grande força deles: “Ah, vôlei é coisa de mulher” (...) Quando iniciávamos as atividades, eu já inseria no vôlei, não treinava bola de futsal. Eu comecei a inserir o vôlei devagar.” AS2

O quadro abaixo apresenta sugestões de conteúdo específico de esporte coletivo, individual e radical.

Esporte	Coletivo	Individual	Radical
Esporte	Futebol	Natação	Skate e Patins
	Voleibol	Atletismo	Montanhismo
	Basquetebol	Tênis de Mesa	Rafting e surfe
	handebol	Tênis de campo	Traking
	Rugby	Badminton	Parkour

Quadro 1 – Esporte coletivo, individual e radical

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE ESPORTE COLETIVO

FUTEBOL – A partir de diferentes abordagens, o futebol pode ser ensinado para além do “jogar futebol”. Pode-se, por exemplo, discutir a história do futebol, lembrar da sua chegada e incorporação no Brasil, evidenciar a época que se popularizou, deixando de ser um divertimento restrito à classe dominante e passando a ser um movimento do povo. Pode-se também analisar junto com o jovem como o futebol faz com que as diferenças econômicas, políticas, culturais e sociais pareçam inexistir no momento de realização de um gol. As suas variantes são: futebol de salão, de areia, de cinco, de sete, em dupla, futetênis, foga com a bola, futebeisebol, mãos presas, losango e futsal entre garrafas. O jogo de futebol pode acontecer em

espaços de diversos tamanhos, com qualquer número de participantes. Pode ser utilizado o rodízio, jogar por tempo ou por gol. A bola pode ser de meia, de borracha, de papel.

VOLEIBOL – Deve-se procurar oferecer atividades que contêm elementos técnicos e táticos mais simplificados do que os dos jogos formais. Trata-se de atividades que apresentam estruturas de situações semelhantes por exercícios combinados, jogos adaptados, levando a situações de jogo. Cada jogo representa um momento lúdico particular e independente. Algumas variantes são: vôlei de lençol, mini-vôlei, rede humana e voleibol cego. Podem ser utilizadas adaptações na

quadra de jogo, no número de jogadores, no tipo e tamanho da bola, nos aspectos táticos.

BASQUETEBOL – Como outros jogos de bola, o basquete apresenta fundamentos que podem ser motivo de vários jogos. A habilidade de passar a bola constitui um interessante tema lúdico. Passar a bola para o companheiro estabelece uma relação na qual se materializam variados sentimentos, como: vontade de dar ao outro uma coisa; dispor-se a receber de outro uma coisa. É necessário que o agente social promova a compreensão do que é equipe, bem como do papel solidário que cada um dos seus membros deve ter estimulando-os para o coletivo. Suas variantes são: basquete de rua, do arranca fita e lixo radioativo. As regras podem ser modificadas e combinadas, com alterações estruturais (quadra, bola e equipamentos) ou técnicas (tempo, sistemas e pontuação).

HANDEBOL – Durante a prática, pode-se debater sobre o aspecto histórico do handebol, como por exemplo, citar que um dos motivos pelos quais o handebol surgiu foi o fato de um alemão criar uma atividade recreativa para operárias de uma fábrica na Alemanha. O handebol possibilita muitas adaptações e utiliza principalmente a corrida, o salto e o arremesso. Suas variantes são: handebol de praia, a caça aos pintinhos, queimada sem quadra, handebol de estátuas, handebol americano e bola ao castelo.

RUGBY – É um esporte para todos os tamanhos e físicos, com ele há espaço numa equipe para qualquer um que queira um pouco de ação. O rugby tem na união e amizade suas maiores forças de coesão entre os jogadores e adeptos, transformando-os em uma grande família, independente de cor e credo, apresentando valores extremamente positivos como lealdade, respeito, garra, trabalho em equipe, entre muitos outros. Dessa forma, ele se consolida como uma modalidade esportiva para a formação integral do cidadão brasileiro. O senso de jogo justo é traçado por meio de disciplina, controle, respeito mútuo e camaradagem. Suas variantes são: rugby de toque, de sete e em cadeira de rodas. Entre as habilidades básicas, estão as corridas, os jogos de pegar e desviar, os passes e os lançamentos.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE ESPORTE INDIVIDUAL

Os esportes individuais também ajudam o desenvolvimento da personalidade, pois exigem boa preparação psicológica para sua prática.

NATAÇÃO – Uma sugestão de sequência a ser seguida para promover a adaptação ao meio líquido a iniciantes é andar na piscina em diferentes direções, bater pernas sentado na

borda, bater pernas com duas mãos na borda dentro da piscina e fazer um jogo de memória com números para cada exercício. Em relação à respiração básica, pode-se fazer a técnica fora d'água ou segurar com as duas mãos na borda e colocar o rosto na água (de pé), e repetir o mesmo sem mãos na borda; pode-se saltitar e ao comando abaixar a cabeça e soltar o ar ou soltar o ar com as duas mãos na borda, batendo pernas. Para ensinar a abrir o olho na água pode-se colocar as duas mãos na borda com o rosto na água e enxergar o próprio pé ou contar quantos dedos o colega pôs. Atividades para ajudar a propulsão são: buscar materiais no fundo da piscina, contar azulejos e passar por entre as pernas do agente social ou do colega. Como variantes temos: cachoeira com prancha, brincadeira de roda, pêlo e pena, vamos pegar tesouro, pinguins n'água e jogando boliche.

ATLETISMO – As atividades podem ser iniciadas com conhecimento e reconhecimento do atletismo pelos alunos participantes. Sugere-se realizar diversas atividades, conhecidas e sugeridas pelos alunos e que envolvam a corrida. Ao final da atividade pode-se conversar e refletir sobre a mesma, fazendo-os compreender que foi praticado atletismo, uma vez que correr é um dos movimentos básicos enfocados nesse esporte. Para praticar o lançar e arremessar, os próprios participantes podem constituir a pelota e perceber que materiais alternativos oferecem possibilidades de movimentos assim como

o peso, o disco e o martelo. Diferentes jogos e brincadeira possibilitam experimentações variadas de movimentos.

TÊNIS DE MESA – Também conhecido como ping-pong, os jogos de tênis de mesa podem ser disputados um contra um ou em duplas. A prática estimula a autonomia para avaliar as estratégias traçadas e utilizadas. Exercita o ato de criar e percorrer caminhos alternativos em função de imprevistos que possam ocorrer durante uma partida. A raquete pode ser de qualquer tamanho, forma ou peso, porém a lâmina deve ser plana e rígida. Trata-se de uma modalidade cujo custo é baixo e o espaço físico necessário é pequeno.

TÊNIS DE CAMPO – Esta modalidade proporciona o incremento da atenção e concentração, promove a sensação de disposição e bem-estar, melhora a flexibilidade, a coordenação e a resistência, promovendo maior mobilidade e melhor postura. Dessa forma, ele combate e previne doenças, sedentarismo e ansiedade. Com a utilização de materiais alternativos ou adaptáveis, como raquetes e quadras menores, bolas sem pressão e redes baixas - além de regras simplificadas e de baixo custo - é possível adaptar a modalidade para popularizá-la ainda mais. Os programas de iniciação e inclusão através do tênis devem utilizar metodologia simples e lúdica que facilita o aprendizado. Suas variantes são: minitênis, bombeiro, volta ao mundo e guerra de bolinhas.

BADMINTON – Como jogo de recreação pode ser jogado com um número ímpar de pessoas e sem a rede. Pelo fato de ser um dos esportes mais flexíveis, o badminton pode ser jogado em qualquer superfície relativamente plana e dura, tanto descoberta como coberta, sem perder os benefícios decorrentes dos exercícios. Tal como em outros esportes ou jogos, o ato mais importante no badminton é sair e se divertir.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE ESPORTE RADICAIS

Esportes radicais têm como característica principal a capacidade de causar a aceleração da adrenalina nos participantes. São esportes com um alto grau de risco físico, dado às condições extremas de altura, velocidade ou outras variantes em que são praticados. Os objetivos do esporte radical incluem o desafio de conhecer novos lugares, atingir o desconhecido e estar em outras comunidades. Toda a dedicação a essas práticas implica a superação de situações limitantes: os cuidados pessoais com o condicionamento físico; a alimentação adequada e um planejamento rigoroso. As contribuições principais que os esportes praticados na natureza podem trazer à educação do sujeito são o empreendimento de grandes jornadas, independente das adversidades, a crítica e a criatividade (problematização das informações do meio ambiente e tomada de decisões rápidas em ação), a decisão com intuição e o gosto pela natureza.

SKATE E PATINS – Consiste em deslizar sobre o solo e obstáculos equilibrando-se numa tábua de madeira, dotada de quatro pequenas rodas e dois eixos. Com o skate executam-se manobras de baixos a altos graus de dificuldade. Considerado esporte radical dado seu aspecto criativo, cuja proficiência é verificada pelo grau de dificuldade dos movimentos executados. Suas variantes são: skate de rua, minirrampas, estilo livre, vertical, deslize abaixo, longboard downhill (descer a ladeira com o longboard), patins, patinação de rua e patins vertical.

MONTANHISMO – Escalada, rapel e tirolesa – Engloba desde uma simples caminhada de um dia, ou um acampamento de final de semana até caminhadas de ascensão, escaladas em rocha e em grandes montanhas. Existem atividades de montanha para todas as idades e condições físicas. Enquanto algumas pessoas praticam montanhismo em busca de adrenalina, outras o fazem por prazer. Superar o medo de altura é o grande desafio para a maioria. Ao praticar a tirolesa, porém, conseguir ‘vencer’ a altura proporciona uma sensação de liberdade. Sendo assim, a técnica ajuda os praticantes a superarem limites, desenvolvendo e estimulando o autocontrole e a integração com as pessoas e o meioambiente.

RAFTING – É um esporte de emoções intensas e espírito coletivo cujo desafio é descer rios com fortes corredeiras em um bote inflável. Antes de começar qualquer descida de *rafting*, um ins-

trutor da atividade passa a todos os participantes detalhadas instruções de conduta relativas à segurança. Essas instruções são lembradas pelos demais instrutores durante momentos estratégicos da descida e seu cumprimento é fundamental para a segurança de todos.

SURFE – É um esporte de alto aspecto criativo uma vez que é preciso executar manobras com o intuito de acompanhar o movimento de uma onda do mar sobre uma prancha à medida que a onda se desloca em direção à praia. O surfe atual tem se mostrado criativo e ousado, servindo inclusive como terapia para o corpo e para a mente. Pessoas surfam pelo simples prazer de deslizar sobre as ondas. É um esporte para pessoas de todas as idades e só depende da força de vontade de cada um. É uma modalidade que trabalha praticamente toda a musculatura e ainda proporciona relaxamento mental. Além disso, os praticantes interagem com a natureza, convivendo em harmonia com o meio ambiente. Suas variantes são: windsurfe, surfe nas dunas, bodyboard.

TREKING – É o nome utilizado para designar o lazer em caminhadas ecológicas. Na falta de termo equivalente em português, excursionismo seria a definição mais aproximada. Trekking não é o mesmo que acampar, pois os seus praticantes passam a maior parte do tempo caminhando. Mas trekking é muito mais do que caminhar. A atividade envolve superar

o desafio de transpor terrenos acidentados e a exploração de matas fechadas

PARKOUR – É uma arte ou disciplina que se assemelha à auto-defesa nas artes marciais. O espírito no *parkour* é guiado em parte a superar todos os obstáculos em seu próprio caminho como se estivesse em uma emergência. Assim como as artes marciais é uma forma de treinamento para a luta, uma forma de treinamento para a fuga. Uma importante característica dessa arte é sua eficiência. Um praticante não só se move o mais rápido que puder, mas da maneira energeticamente mais econômica e o mais diretamente possível.

ARTES MARCIAIS

Ao obter equilíbrio físico e mental por meio da prática de artes marciais, o jovem além de aprender defesa pessoal, desenvolve habilidades elementares, como domínio do corpo, posturas, movimentos fundamentais, respiração, concentração e técnicas de esquiva. O conflito, a vingança e os impulsos agressivos não trazem bons resultados. Com a prática das lutas, é possível obter equilíbrio físico e mental, propiciando ao jovem o desenvolvimento da autoconfiança, da concentração, da força de vontade, da criatividade, da compreensão, da capacidade de análise, de planejamento e de discernimento do certo e do

errado. Todas essas habilidades contribuem para a formação do caráter do jovem.

“O taekwondô ele é uma arte marcial que cuida principalmente da parte da pedagogia, da disciplina, da educação, do comportamento. Então a gente é um transformador de per-

sonalidade. Eu tenho uma prática de aula pra mais de quinze mil alunos. Então eu tenho como reposta justamente essa transformação da criança e do adolescente. Eles descobrem outros rumos na arte marcial, da disciplina, da educação, principalmente. Eles modificam totalmente. É um trabalho muito nobre que a gente faz.” CN2

SEGUE ABAIXO UM QUADRO COM ALGUNS EXEMPLOS DE ARTES MARCIAIS A SEREM OFERECIDOS

Artes marciais	De aproximação	Que mantêm a distância	Outros
	Judô	Caratê	Capoeira
	Jiu-jitsu	Box	Tai Chi Chuan
	Aikidô	Taekwondô	Ashtanga Yoga
		Hapkido	

Quadro 2 – Artes marciais de aproximação que mantêm a distância e outras

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE ARTES MARCIAIS DE APROXIMAÇÃO

JUDÔ – Fortalece o físico, a mente e o espírito de forma integrada e toma como base os seguintes princípios: máxima eficiência com o mínimo de esforço (utiliza a não resistência para controlar, desequilibrar e vencer o adversário), prosperidade e benefícios mútuos (solidariedade) e suavidade (melhor uso de energia). Nessa arte marcial, o progresso pessoal deve estar associado a ajudar o próximo, pois a eficiência e o auxílio aos outros ajuda a criar não só um atleta melhor como um ser humano mais completo. O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar. O judô desenvolve técnicas de amortecimento, deslocamentos, postura, maneiras de segurar, arremessos e imobilização no chão. Os rolamentos são fundamentais para a segurança do praticante, pois dissipam a energia cinética. Para defesa contra as técnicas do adversário, deve-se mover o corpo com a máxima leveza, mantendo constante posição de equilíbrio. Além de fornecer experiência sobre os princípios básicos, a prática de judô pode dar ênfase à filosofia e oferecer oportunidades ao jovem de superação de suas próprias limitações.

JIU-JITSU – Além de autodefesa, o jiu-jitsu é uma técnica baseada nos princípios do equilíbrio do sistema de articulação do corpo e das alavancas, evitando o uso da força e de ar-

mas. O jiu-jitsu inclui defesa contra ataques e técnicas de imobilização. O agente social deve ressaltar a importância do comportamento ético entre os alunos, dando assim mais credibilidade e segurança ao ensino dessa arte marcial. Por transmitir uma filosofia de vida, o jiu-jitsu pode vir a tornar o jovem mais tolerante, respeitoso e autoconfiante.

AIKIDÔ – Busca coordenar as atividades conjuntas do corpo e da mente, por meio de técnicas de projeção ou torções de articulações que neutralizam o adversário, aproveitando sua própria energia com um mínimo de força física. O aikidô tem como diferença fundamental a ausência de competição entre os praticantes, e forte ênfase na preservação dos valores morais como a disciplina, o respeito, a gratidão e a honra. Por meio da prática dessa arte marcial, os jovens são estimulados a superar as próprias dificuldades, limitações e medos interiores, o que os torna bem preparados para lidar com pessoas e situações difíceis. O segredo do aikidô não está em como se move seus pés, e sim em como se move a mente, ensinando a não violência. Não há vencedores ou perdedores, pois durante o treino há dois papéis bem definidos, em que ambos cooperam para o desenvolvimento de si próprios e do parceiro. Ambos treinam e desenvolvem capacidades como não resistência, intenção, atenção, fluidez, percepção, sensibilidade, equilíbrio entre outros. O papel daquele que aplica o movimento é se harmonizar com a intenção inicial

do outro e treinar o movimento com equilíbrio e fluidez. O papel daquele que recebe o movimento é de treinar a intenção inicial, e depois a sensibilidade, atenção e percepção para acompanhar a técnica aplicada da maneira mais suave possível. Ambos se revezam nesses papéis. Nenhum dos dois tem a intenção de se sair melhor que o parceiro ou vencê-lo. Há, sim, uma cumplicidade mútua na qual ambos servem de apoio para o treino de si próprio. É uma modalidade que possibilita utilizar capacidades para a criação de relacionamentos harmoniosos consigo mesmo e com o outro ao invés de ficar lutando com sua própria natureza e com pessoas à sua volta criando mais resistência e tensões em sua vida. Aikidô é a arte da reconciliação em que se estuda como resolver conflitos, e não como iniciá-los.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE ARTES MARCIAIS QUE MANTÊM A DISTÂNCIA

CARATÊ – Além de ser um excelente meio de autodefesa, o caratê desenvolve a força, a velocidade, a coordenação motora e o condicionamento físico. Como processo de autoconhecimento e de investimento no crescimento pessoal, essa arte marcial estimula o espírito de esforço pelo qual o jovem aprende a levar a vida com calma, e com firmeza. O espírito de esforço consiste não no esgotamento da

força, mas no estágio mais desenvolvido do espírito, na sua conservação, gerando serenidade e tranquilidade. Não se aprende para lutar, se luta, para aprender. Uma pessoa pode desrespeitar a si mesma, adotando comportamentos agressivos para com seu próprio corpo. Ao evitar más conversas, maus ambientes e maus hábitos o jovem está respeitando a si mesmo. A boa vontade é uma virtude que pode ser desenvolvida e aperfeiçoada. O caratê procura também conter o espírito de agressão, já que um espírito exaltado e agitado gera agressividade contra a própria pessoa e contra os outros. Durante a prática, o jovem aprende a ser ponderado e prudente. A prática dessa modalidade inicia-se com golpes de defesa e o agente social deve salientar que no caratê não há golpes de agressão. O principal objetivo dessa arte não é o outro como alvo, mas a própria pessoa. Isso estimula a tomada de consciência de si mesmo e a superação de aspectos negativos do comportamento e da mente. Trata-se de uma reeducação da mente e dos padrões de comportamento, em que o jovem vai aos poucos modificando e substituindo os pensamentos de agressão por pensamentos de harmonia.

BOXE – Ou pugilismo, é uma arte marcial de combate que usa apenas os punhos, tanto para a defesa como para o ataque. Além dos braços, que estão em constante movimento, o boxe trabalha todos os músculos do corpo já que cada gol-

pe é acompanhado de uma passada ou uma esquivas. Além de queimar muitas calorias e entrar em forma, o boxe permite extravasar as emoções, aprimorando a coordenação motora e aprendendo técnicas de defesa pessoal. É uma prática que exige equilíbrio e determinação.

TAEKWONDÔ – Valoriza a perseverança, integridade, autocontrole, cortesia, respeito e lealdade. Trata-se de uma técnica de combate sem armas para defesa pessoal, envolvendo destreza no emprego das mãos e punhos, de pontapés voadores, de esquivas e intercepções de golpes com as mãos, braços ou pés. É a arte que treina a mente através do corpo baseada em táticas defensivas. A repetição ensina a paciência e a resolução de transpor obstáculos, desenvolvendo autoconfiança. A prática assegura boa saúde, agilidade e serenidade mental. Os exercícios promovem ao jovem confiança em si mesmo, não só na força física, mas também na disciplina mental.

HAPKIDO – É uma arte marcial coreana de defesa pessoal cujos princípios básicos são a não resistência, que se refere a estar relaxado e usar a força do oponente contra ele; movimento circular, que é o conceito de ganhar força e energia em um movimento circular; e o princípio da água, que desenvolve a força e a energia a partir do fluxo e refluxo da água. O ideograma “hap” significa harmonia, “ki” significa energia interior e “do” significa caminho.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE ARTES MARCIAIS

CAPOEIRA – Por meio da capoeira é possível revisitar a atualização de antigos dilemas raciais e, ainda, perceber os vínculos entre manifestações populares e eruditas, ou entre a música na capoeira e a poesia na vida real. A capoeira está centrada em torno da honra coletiva e da estratégia corporal de cada capoeirista. Há esforço constante, trabalho e cálculo, intimamente vinculados ao combate e ao cuidado com o convívio grupal. Experiências com os fundamentos da capoeira não devem se restringir à pura execução biomecânica de movimentos e golpes, mas devem ser acompanhadas de discussões sobre os rituais, as diferentes nomenclaturas, a etimologia, a aplicação, as possibilidades de sistematização, os significados e as representações dos golpes. O agente social deve dar oportunidade aos jovens de problematizar, teorizar e reconstruir o repertório cultural capoeirano, com destaque para a ginga, os golpes, o canto interativo e a roda lúdica. É preciso resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade e não retirá-la do movimento cultural e político que a gerou.

TAI CHI CHUAN – Baseado na observação da natureza e no estudo dos princípios da interação entre os diversos elementos, o tai chi exercita e imita movimentos de animais como

pássaros, tigres, cobras e ursos. A prática ajuda a encarar os problemas com calma, encontrando soluções adequadas aos mesmos, sem desgaste físico ou emocional. Com atenção plena e consciência desperta é possível concentrar a mente em algo positivo, como a compaixão ou a alegria. A prática diminui a ansiedade de adolescentes com hiperatividade e deficiência de atenção promovendo maior equilíbrio emocional, dando força, resistência muscular e flexibilidade, além de melhorar a postura. O tai chi chuan está baseado em um código moral que engloba virtudes como humildade, em que o jovem, mesmo adquirindo altas habilidades não é arrogante. Outras virtudes trabalhadas são o respeito, devoção, lealdade e honras especialmente com relação aos mais velhos e família. A terceira virtude é a sinceridade e veracidade nas ações e palavras. A quarta virtude é a coragem, o que pode servir para se elevar contra a injustiça e a favor do que se acredita, sem medo em face de adversidades da vida e seus desafios. O quinto aspecto é a perseverança e paciência. Se a prática é consistente e correta, haverá desenvolvimento gradual e se conseguirá habilidades elevadas. O sexto aspecto é a compaixão e benevolência, já que a prática permite o retorno e o despertar para a simplicidade, sensibilidade e abertura do coração ao amor e à compaixão.

ASHTANGA YOGA – Yoga é uma modalidade que possui diversos estilos e escolas. Tendo em vista a juventude como

público-alvo, o estilo aqui proposto é reconhecido por apresentar grandes desafios e possuir alta intensidade física. A série primária desse estilo tem o objetivo de limpar os órgãos internos e os demais tecidos do corpo através do suor e do aumento da temperatura corporal. O aumento da temperatura do corpo causa transpiração, liberando os resíduos do interior da pele. Com a prática, o participante passa inicialmente por mudanças físicas e, com o passar do tempo, experimenta mudanças mais sutis nos estados mentais e emocionais. Tranquilidade, equilíbrio, foco, potência e disciplina são qualidades diariamente trabalhadas na prática do ashtanga yoga. O desenvolvimento de si mesmo está diretamente ligado ao autoconhecimento.

DANÇA

A dança é uma expressão representativa de diversos aspectos da vida, podendo ser considerada uma linguagem social que permite a transmissão de sentimentos e emoções referentes à afetividade vivida nas esferas do trabalho, aos costumes, hábitos, saúde e guerra. A prática da dança deve considerar seu aspecto expressivo e a formação da técnica para sua execução. A dança como arte é uma representação estilizada e simbólica da vida.

“As dificuldades são muitas. Desde não ter o que calçar até a discriminação que eles sentem pela dança ser um movimento sexual ou dito sexual. Além da dança, tem que mostrar que aquilo ali tem que ter responsabilidade e que não é só na dança e que em qualquer movimento em qualquer

coisa que eles fizerem. Eles sentem muito preconceito pela classe mais alta, eles criticam muito a classe mais alta e o pessoal mais alto discrimina. Certo preconceito um pelo outro, o que acaba separando essa diferença, acaba separando muito a sociedade, acredito eu.” AS1

A SEGUIR ESTÃO LISTADOS ALGUNS EXEMPLOS DE DANÇAS TRADICIONAIS, DANÇA DE RUA, ASSIM COMO OUTROS TIPOS DE DANÇA COMO CONTATO IMPROVISADO, CONTEMPORÂNEA E CIRCULAR/SAGRADA

Dança	tradicional e folclórica	de rua	Outros
Dança	Quadrilha	Hip-Hop	Contato improvisação
	Frevo	Break	Contemporânea
	Samba	House	Circular/sagrada
	Forró	Funk	
		Rap	

Quadro 3 – Dança tradicional e folclórica, de rua e outros

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE DANÇA TRADICIONAL E FOLCLÓRICA

A dança folclórica trata-se de uma forma tradicional de dança recreativa do povo. Muitas das danças folclóricas têm origens anônimas e foram passadas de geração para geração durante um longo período de tempo. As danças sempre foram um importante componente cultural da humanidade.

QUADRILHA – Os casais, vestidos com roupas típicas da cultura caipira, como camisas e vestidos xadrez e chapéu de palha, fazem uma coreografia especial, na qual os pares se situam frente a frente. A sanfona, o triângulo e a zabumba são os instrumentos musicais que em geral acompanham a quadrilha, sendo também comuns a viola e o violão. É uma dança típica da época das festas juninas.

FREVO – A dança do frevo costuma ser de duas formas: quando a multidão dança ao som de uma banda que segue os blocos carnavalescos ou quando passistas realizam passos mais elaborados e usam um pequeno guarda-chuva colorido como elemento coreográfico. Suas variações são: frevo-canção, frevo de bloco, de rua, de abafo, coqueiro, ventania e de salão.

SAMBA – É um estilo musical caracterizado por elementos de origem africana e brasileira. Surgido no estado da Bahia, é toca-

do por instrumentos de corda como o cavaquinho, violão e variados instrumentos de percussão, como o pandeiro, o surdo e o tamborim. Considerado uma das principais manifestações culturais populares brasileiras, o samba se transformou em símbolo de identidade nacional e é muito conhecido no exterior. Suas variantes são samba-funk, samba-rap, samba-reggae, samba de roda, samba-enredo, samba de partido alto, pagode, samba-canção, samba carnavalesco, samba de exaltação, samba de breque, samba de gafieira e o sambalongo.

FORRÓ – Popularizou-se em todo o Brasil com a intensa imigração dos nordestinos para outras regiões do país, especialmente, para as capitais: (Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Os nordestinos mantiveram esse movimento vivo, visitando forrós e se apresentando sobre caminhões em praças públicas e em comícios, dando dimensão nacional aos ritmos do sertão. Com o surgimento de bandas formadas por universitários, a dança passou a fazer parte do repertório de shows em casas noturnas. Suas variantes são: forró tradicional, forró universitário e forró eletrônico.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE DANÇA DE RUA

A produção de dança de rua vem se destacando nos últimos anos no Brasil e no mundo com o aumento de festivais, gru-

pos, eventos e alunos que procuram a técnica. Ela tem presença marcante em coreografias de comerciais na televisão, no cinema e, em especial, nos videoclipes. A dança de rua teve sua projeção dentro do movimento hip hop na década de 60 e hoje engloba desde estilos clássicos como o break até estilos mais recentes como o house.

HIP HOP – Além de aproximar os jovens da dança, ensinar passos e mostrar a história do hip hop, a prática pedagógica deve intervir na formação humana, na construção da cidadania e na contribuição para a busca da emancipação do homem. É preciso levar em conta a forma com que se vai ensinar, assim como as estratégias didáticas e o conhecimento a ser passado aos interessados. O aprendizado não pode ser refém das habilidades ou do esforço individual dos participantes, pois quando os jovens não possuem familiaridade com os movimentos, a insistência no ensino baseado na repetição e imitação acarretará em desinteresse. Dessa forma, o planejamento deve levar em conta não só o nível inicial dos participantes, como permitir o ensino pautado na criatividade e na ressignificação do hip hop, tornando-o mais fácil e mais prazeroso. A sustentação do movimento hip hop está dentre os problemas da comunidade da periferia.

BREAK – É uma manifestação popular de rapidez, força e ousadia, retratando pelas letras os problemas da juventude.

O break consiste em se dançar com passos diferentes, em movimentos circulares com as mãos e pés no chão, de acordo com o ritmo da música, sendo que o término desse movimento é chamado de “congelar”. Ao mesmo tempo em que a música flui harmoniosamente, a dança é rapidamente congelada, exigindo do jovem tanto balanço quanto técnica para travar o corpo. A complexidade aparece justamente na junção desses extremos, tornando o break uma dança divertida de se apreciar.

HOUSE – A cultura house surgiu no início dos anos 80 quando se começou a mixar músicas da disco em programas de bateria eletrônica. Ela não teve apenas um criador, pois é de certa forma uma dança coletiva, mas teve grande influência da salsa, do sapateado e posteriormente da capoeira, retratando um verdadeiro trânsito entre linguagens, territórios e estilos de dança. Trata-se de uma coreografia cuidada, refinada, bem humorada e inteligente. Uma sugestão de coreografia seria se inspirar em momentos da vida do jovem, como por exemplo, o simples fato de procurar um emprego. Experiências nesse sentido ou de outras situações, como o tráfico de drogas, podem ser transformadas em roteiro para uma apresentação. O elenco pode mostrar o processo de risco no tráfico, no palco, detalhando as particularidades de cada situação. O espetáculo pode começar com os jovens procurando sair da criminalidade.

FUNK – É um estilo reconhecido pela forte e rítmica seção de metais, pela percussão marcante e ritmo dançante. Nos anos 70, o funk foi influência para músicos de jazz, tornando o ritmo mais suave, mais lento, solto e orientado para frases repetidas e dançantes. As bandas de funk criaram um estilo instantaneamente reconhecível, repletos de vocais e coros de acompanhamento cativantes. Suas variantes são: funk melody e funk metal.

RAP – É um discurso rítmico com rimas e poesias, que pode ser interpretado à capela, com um som musical de fundo. Seus discursos ou intervenções comentam assuntos como a violência, a situação política, sexo e drogas. Tradição dos sistemas de som e do canto falado, o RAP foi se espalhando e popularizou-se entre as classes mais humildes até chegar à alta sociedade. A palavra rap tornou-se um neologismo popular do acrônimo para rima e poesia. Uma variação é o gangsta rap, que fala sobre a brutalidade da polícia, sobre os problemas que afetam as comunidades, as rixas que acontecem no bairro, e sobre o tráfico, que é o comércio mais ativo na maioria das periferias.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE OUTRAS DANÇAS

DANÇA CONTEMPORÂNEA – O intérprete (bailarino) ganha autonomia para construir suas próprias partituras coreográficas,

a partir de temas relacionados a questões políticas, sociais, culturais, autobiográficas, comportamentais, cotidianas como também a fisiologia e anatomia do corpo. As coreografias diferem do método clássico por não seguir uma sequência de fatos lógicos, mas sim aqueles passos fortemente misturados com sentimentos. A dança contemporânea passou a trazer à discussão o papel de outras áreas artísticas na dança, como vídeo, música, fotografia, artes plásticas, performance, cultura digital e softwares específicos, que permitem alterações do que se entende como movimento, tornando os reais em virtuais ou vice-versa.

CONTATO IMPROVISADO – Empenhada em encontrar a igualdade nos papéis de homens e mulheres, a dança considera isso um importante valor social a ser integrado ao movimento e expresso nas performances. Há dois extremos de desorientação física: de lançar-se no espaço e em outra pessoa, e outro de estar em pé, parado e observando os menores impulsos de movimento no corpo. Busca-se desenvolver o reflexo do corpo e uma estética baseada em limites e necessidades físicas. O foco está no aumento de possibilidades do sentido do tato como orientador do movimento, facilitador da entrega e que potencializa níveis mais sutis de comunicação não-verbal. Isso requer que o jovem reconheça a identidade e integridade do outro, a partir da escuta corporal. A técnica não é sobre quão rápido, alto, forte, flexível o indivíduo pode

ser, mas sobre a qualidade de uma parceria. Desperta grande relacionamento entre os jovens, geralmente divertido e delicado, fazendo das ações um ato de parceria.

DANÇA CIRCULAR SAGRADA – O objetivo principal na dança circular sagrada, também conhecida como dança dos povos, não é a técnica e sim o sentimento de união de grupo. Ela auxilia a pessoa a tomar consciência de seu corpo físico, acalmar suas emoções, trabalhar sua concentração e memória. Na dança circular sagrada são utilizadas músicas regionais e folclóricas dos diversos povos do mundo, além de músicas clássicas. Os passos incluem desde os mais simples até os mais elaborados. O círculo nasce quando os participantes entram em contato com a parte de seu ser que está intimamente conectada com algo transcendental. Essa atividade desenvolve a coordenação motora, a integração e a socialização.

GINÁSTICA

A ginástica é um conceito que envolve a prática de uma série de movimentos de força, flexibilidade e coordenação motora. A ginástica engloba relações dos movimentos com os sentidos, inteligência, sentimentos, costumes e o completo desenvolvimento de nossas faculdades. Os benefícios da ginástica incluem bem-estar; entendimento do homem como produto e produtor de cultura e de conhecimento; convivência social; troca de experiências; descoberta de novas possibilidades de movimentos; sensação de alegria e prazer. As coreografias são formas de socializar os conhecimentos produzidos no núcleo e podem incluir elementos de jogos, brincadeiras, lutas, danças, esportes e ginástica que podem despertar a curiosidade e o interesse das pessoas.

SEGUEM ABAIXO ALGUMAS SUGESTÕES DE GINÁSTICA CIRCENSE, DE ACADEMIA E ARTÍSTICA.

Ginástica	circense	de academia	artística e rítmica
	Malabares	Alongamento	Solo e Barra Fixa
	Trapézio	Aeróbica	Salto sobre o cavalo
	Acrobacias	Localizada	Argolas, Paralelas assimétricas
	Trampolim	Step	
	Tecido	Pilates	

Quadro 4 – Ginástica circense, de academia, artística e rítmica

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE GINÁSTICA CIRCENSE

GINÁSTICA CIRCENSE – O mundo do circo desperta interesse em várias áreas do conhecimento e fornece aos jovens a oportunidade de superação de desafios corporais no processo de ação-reflexão-ação, assim como contribuições de caráter motivacional, lúdico e de desenvolvimento da cognição. Os movimentos circenses trabalham também a coordenação motora pelos malabares, o domínio espacial, a acuidade visual, a agilidade, a velocidade de reação e o equilíbrio por meio de exercícios na barra e na perna-de-pau. As aulas de iniciação costumam englobar, principalmente, a acrobacia, que é a disciplina básica do circo. Podem ser oferecidas técnicas de malabarismo, equilíbrio, alongamentos, tecido e arte de palhaço. Após o aquecimento das articulações e alongamentos, podem ser aplicados os exercícios de acrobacias em solo como cambalhotas, estrelas, paradas de mão e trampolim. Em seguida, conforme a identificação de cada um, os participantes partem para os exercícios de acrobacias aéreas, trapézio e tecido, pelo qual a pessoa escala e faz diversas posturas. A ginástica circense visa a preparação voltada para a estruturação de valores de cooperação, disciplina, participação e respeito. Existem muitos outros aspectos trabalhados nas técnicas circenses que contribuem para o bem-estar dos participantes, como aquisição de novos valores sociais, desenvolvimento das capacidades coordenativas, descontração, aquisição de no-

vos conhecimentos, descoberta de mais um talento desconhecido, além do prazer em realizar as atividades.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE GINÁSTICA DE ACADEMIA

ALONGAMENTOS – É importante alongar adequadamente a musculatura antes e também depois de qualquer atividade física. Isso prepara os músculos para as exigências que virão a seguir, protegendo e melhorando seu desempenho. Pela sua facilidade de execução, a maioria dos alongamentos podem também ser feitos, praticamente, a qualquer hora. Os alongamentos podem ser realizados de manhã, antes de começar o dia, no final do dia para aliviar as tensões acumuladas, depois de ficar sentado ou em pé muito tempo e principalmente antes e depois de atividades físicas. Os efeitos do alongamento incluem redução de tensões musculares, relaxamento, benefícios para a coordenação, pois os movimentos se tornam mais soltos e fáceis, aumento do arco de maleabilidade e prevenção de lesões.

AERÓBICA – Os resultados psicológicos de uma aula aeróbica são observados no resgate da autoestima, no estímulo a novos hábitos e estilo de vida, no combate ao estresse e no aprender a motivar-se pelo movimento. Prática, fácil, divertida e estimulante, caracteriza-se por ser uma atividade alegre, com movimentos

e expressões corporais diversificados. É uma atividade física realizada em grupo, cujo ritmo é determinado pela música e pela qual a memória é bastante explorada. Algumas variantes são: combo, cardio-funk, step training, aerosalsa, cityjam, aerofunk, aerobahia, aerodance e aerolamba.

LOCALIZADA – O nome ginástica localizada se deve à forma como ela é feita, com os exercícios priorizando séries para cada segmento muscular ou pelos segmentos articulares, incluindo exercícios com pesos e bastões, o que contribui para o fortalecimento dos músculos de forma geral. É uma ótima forma de melhorar a postura e deixar o corpo em forma.

STEP – É uma excelente atividade cardiovascular que fortalece os músculos das pernas e dos braços, desenvolve a noção espacial, a coordenação motora e o reflexo. Há aulas combinadas de step com localizada, com street, funk, com circuito e com pesinhos de mão. Iniciantes devem começar com os steps mais baixos, 10 ou 15 cm de altura. Ao subir, o jovem deve pisar bem no centro e manter a postura alinhada. Na descida usa-se a ponta do pé para amortecer, fazendo um movimento da ponta do pé para o calcanhar. O agente social deve estimular os movimentos com os membros superiores somente após o domínio dos movimentos dos membros inferiores.

PILATES – O método pilates foi elaborado como um sistema de

exercícios para melhorar a flexibilidade, consciência corporal, equilíbrio e força, sem a hipertrofia muscular. É indicado para reabilitação física, condicionamento físico geral e bem-estar, podendo ser praticado por pessoas de todas as idades e níveis de condicionamento físico. O pilates ainda traz como benefícios a melhoria da concentração, coordenação motora e consciência corporal. Os exercícios são rítmicos, de força e alongamentos, demandam concentração e controle do corpo. Ao invés de realizar várias repetições, o método requer que os exercícios sejam feitos com menos repetições e com movimentos precisos. Dentre os princípios que norteiam o método pilates está a capacidade de controlar o corpo e a mente por meio de exercícios. O jovem se conscientiza das transformações e benefícios que ocorrem durante cada movimento quando o agente social procura transmitir a característica lúdica e prazerosa, sem extrapolar os limites naturais dos movimentos. A postura, a coordenação, o equilíbrio e o alinhamento melhoram, propiciando sensação de autoconfiança.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E RÍTMICA

GINÁSTICA ARTÍSTICA – A ginástica artística, também conhecida como ginástica olímpica, é a arte ou ato de exercitar o corpo para fortalecê-lo e dar-lhe agilidade. O conjunto de exercícios corporais sistematizados, realizados no solo ou com auxílio de aparelhos, podem ser aplicados com objetivos educativos ou terapêuticos,

trabalhando força, equilíbrio, coordenação, flexibilidade, agilidade e controle do corpo. Suas variantes são: cavalo com alças, argolas, barras paralelas, barra fixa, solo e salto. Não se pode descuidar da segurança na execução das atividades.

GINÁSTICA RÍTMICA – Envolve movimentos do corpo em dança de variados tipos e dificuldades, combinadas com a manipulação de pequenos equipamentos. Em suas rotinas, são ainda utilizados certos elementos pré-acrobáticos, como os rolamentos e os espacates. A ginástica rítmica trabalha coordenação, controle e movimentos de dança harmônicos e sincronizados com o grupo e a música. As variantes utilizam corda, arco, bola, maçãs e fita.

JOGOS E BRINCADEIRAS

O jogo pode satisfazer a algumas necessidades dos jovens, especialmente a necessidade da prática. As motivações, tendências e incentivos que colocam o jovem em ação devem ser reconhecidos. Quando o jovem joga, ele opera com o significado das suas ações, o que faz com que desenvolva sua vontade e, ao mesmo tempo, torne-se cons-

ciente das suas escolhas e decisões. Os autores Castellani Filho et al. (2009) sugerem promover junto aos jovens discussões sobre as situações de violência que o jogo cria e as consequentes regras para seu controle. Ressaltam ainda a importância de selecionar os conteúdos dos jogos considerando a memória lúdica da comunidade em que o jovem vive e oferecendo-lhe ainda o conhecimento dos jogos de diversas regiões brasileiras e de outros países.

“Comecei a inserir brincadeiras, mesmo eles sendo mais velhos (faixa etária de 20, 21). Eles começaram a achar engraçada a brincadeira, porque eles não têm aquela parte lúdica. Balões... é impressionante! Quando eu cheguei com balão, eles queriam me matar, né?! Aí eles: “Professora, isso é coisa de criança” Eu falei assim: “Gente, quando vocês eram crianças, vocês brincavam de balão? Não brincavam. Então, vamos brincar agora pra vocês verem como é interessante” Que daí tu mexe todo corpo. Tem uma dinâmica que tu faz uma competição, que é correr com o balão no meio da perna, passar pro outro colega. Eles não tinham união, e a partir daí foi tendo união. Então a gente percebeu que pra aproximar eles da gente, a gente precisava fazer uma brincadeira, uma coisa que fosse mais... fora do formal, pra eles perceberem que a gente também fazia parte deles.” (AS2)

SEGUEM ABAIXO ALGUMAS SUGESTÕES DE GINÁSTICA CIRCENSE, DE ACADEMIA E ARTÍSTICA.

Jogos e brincadeiras	Populares	Tabuleiros
	Amarelinha	Dama
	Elástico	Trilha
	Betes/Taco	Testa um
	Queimada	Xadrez
	Tecido	Dominó

Quadro 5 – Jogos e brincadeiras populares, cantigas de roda, tabuleiro.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE JOGOS E BRINCADEIRAS POPULARES

Os jogos e as brincadeiras populares promovem situações de ensino e aprendizagem ricas no sentido da construção de habilidades corporais básicas, no desenvolvimento de dinâmicas de produção em pequenos grupos e ainda como possibilidade de introduzir e desenvolver a ideia de diversificação e transformação de estruturas lúdicas convencionais.

AMARELINHA – É fácil e divertida de brincar. É uma brincadeira em que se percorre uma trajetória de quadrados riscados no chão de pulo em pulo. Amarelinha é uma brincadeira que estimula o jovem a ter noções dos números, trabalha a ordem das casas

numéricas do número um ao número dez e estimula a habilidade do equilíbrio.

ELÁSTICO – Coloca-se um elástico de, em média, dois metros unido por um nó, entre dois participantes. Esses alunos colocam o elástico em volta dos tornozelos, formando um retângulo. A terceira pessoa pula dentro do retângulo com os dois pés e depois, com um pulo, pisa nas duas linhas de elástico. Com o outro pulo pisa, com os dois pés, fora do elástico, um de cada lado. O objetivo é fazer tudo sem tropeçar, aumentando o grau de dificuldade.

BETES OU TACO – É um jogo cujo objetivo principal é rebater a bola lançada pelo jogador adversário. O campo pode ser de qualquer tamanho ou não possuir limites, e pode ocorrer em qualquer tipo

de terreno. Pode ser praticado na rua, na praia, na grama ou no campo. Para jogar betes, são necessários dois tacos de tamanho médio, duas casinhas que podem ser garrafas plásticas, tripés de madeira ou latas de refrigerante ou até três ramos sem folhas de cerca de 30 cm e uma bola pequena de borracha, uma bola feita de meias, ou até mesmo uma bola de tênis. As regras devem ser combinadas antes do jogo.

PETECA – Como forma de descontração, entretenimento, diversão e recreação, o jogo de peteca é prático e barato, podendo ser realizado na quadra, na praia ou no calçadão. A peteca é constituída de uma base que concentra a maior parte de seu peso, geralmente feito de borracha, e uma extensão mais leve, geralmente feita de penas naturais ou sintéticas, com o objetivo de dar equilíbrio ou orientar sua trajetória no ar quando arremessada. O jogo de peteca proporciona a flexibilidade das articulações, agilidade dos movimentos, amplia a capacidade respiratória, aumenta os reflexos e desenvolve a destreza. Existem inúmeras variações desse jogo.

QUEIMADA – Também conhecida por outras denominações dependendo da região, pode ser jogada em um terreno dividido em dois campos iguais, por uma linha reta traçada no solo. O tamanho do terreno pode variar conforme o número de jogadores. O jogo de queimada desenvolve a destreza, o domínio e a cooperação.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DE JOGOS DE TABULEIRO

DAMAS – É um jogo de tabuleiro que exige do jogador raciocínio e planejamento durante todo o jogo. Suas variações são: dama sem captura, dama com captura, damas portuguesas, damas italianas, damas inglesas, damas russas, damas turcas e perde-ganha.

TRILHA – Ou moinho, é um tradicional e antigo jogo de tabuleiro. O tabuleiro consiste em três quadrados concêntricos conectados entre si. O posicionamento inicial é fundamental para o desempenho do jogador durante a fase de movimentação. A tal ponto que uma partida pode ser perdida ou não em função desse posicionamento estratégico.

RESTA UM – O objetivo do jogo é deixar apenas uma bolinha no tabuleiro. Para eliminar uma bolinha, é preciso pular sobre ela. Jogo de raciocínio lógico, matemático e estratégico com objetivo simples: eliminar os pinos do tabuleiro até conseguir deixar apenas uma peça. O jogo resta um desenvolve a coordenação motora, o senso de lógica, o senso direcional e o planejamento. O jogo exige do jovem paciência e capacidade de resolver problemas simples ou complexos.

XADREZ – É um jogo de estratégia e tática. O objetivo da partida é dar xeque-mate no adversário. O xadrez ajuda o jovem a memorizar, a ter atenção, concentração, a calcular e sintetizar. O

jogo deve ser ensinado de forma lúdica e divertido, trabalhando-se a aquisição e a consolidação de valores éticos. O xadrez é um grande impulsionador da imaginação, contribuindo para o desenvolvimento da memória, da capacidade de concentração e da velocidade de raciocínio. Esse jogo desempenha também importante papel socializante, por ensinar a lidar com a derrota e com a vitória. O xadrez estimula o hábito de refletir antes de agir, além de ensinar a arcar com as responsabilidades dos próprios atos. O xadrez é um passatempo agradável e instrutivo que pode ser jogado também através de redes de computadores. De uma forma lúdica, o jovem aprende a analisar sistematicamente os

problemas; expor ideias; conclusões e soluções; avaliar antecipadamente as vantagens e inconvenientes de uma decisão; aprender a planejar; responsabilizar-se por seus atos e a assumir suas conseqüências; a aumentar a autonomia e a controlar a impulsividade. Essas são apenas algumas das contribuições do xadrez na construção do caráter de uma pessoa.

DOMINÓ – Desenvolve a percepção do sistema de numeração e estimula a associabilidade, a noção de sequência e a contagem, além de desenvolver o processo de cálculo aritmético da adição, subtração e multiplicação.





reflexões

Ao educar habilidades, capacidades e atitudes, as oficinas desenvolvidas nos núcleos PELC/PRONASCI estão diretamente relacionadas com a formação humana, ou seja, com a educação moral, educação em valores, construção da cidadania e de sentimentos em relação a si mesmo e em relação aos outros.

Durante as oficinas nos núcleos PELC/PRONASCI os jovens têm a oportunidade de rever suas atitudes morais, evitando fazer a prática pela prática, resultando num aprendizado generalizável para a vida fora do núcleo.

Quando a interação é prazerosa, o núcleo torna-se um espaço privilegiado para se legitimar valores. A pedagogia aplicada no núcleo deve criar possibilidades para que o jovem transponha seus limites, cresça e se desenvolva. Trata-se aprender a se conhecer e a se relacionar melhor com os outros, a incluí-los.

É necessário estimular que os jovens critiquem o conteúdo das oficinas dentro de um determinado contexto socioeconômico, político e cultural. Ao elaborar regras de acordo com a realidade e necessidades do grupo, os jovens vivenciam o exercício de criatividade, ao mesmo tempo em que criam alternativas para suas necessidades e soluções para os proble-

mas propostos. Dessa forma, as atividades dos núcleos PELC/PRONASCI geram oportunidade para que os jovens reflitam para além de sua prática.

Enquanto os esportes individuais ajudam o desenvolvimento da personalidade, os esportes radicais possuem a capacidade de causar a aceleração da adrenalina nos participantes. O esporte radical inclui o desafio de conhecer novos lugares, atingir o desconhecido e estar diante de outras comunidades.

Por meio do esporte recreativo, os jovens encontram pessoas parecidas que podem ter desejos e preocupações imediatas convergentes com os seus. Então, são constituídas redes, compartilhando entre si discursos, emoções intensas vivenciadas nas práticas e os sentidos por eles atribuídos a essas práticas (COSTA, 2009).

Assim como no esporte, a pedagogia aplicada em oficinas de artes marciais deve propiciar um ambiente cooperativo, cujo eixo norteador é a socialização. É preciso pensar a socialização como foco, e ter a certeza que o conhecimento é adquirido pela interação dos indivíduos e que, se aliada a ações simultâneas adequadas, colaboram para a formação de um jovem crítico, autônomo e capaz de compreender a realidade

social (BERTAZZOLI, 2010). Trata-se de um ambiente que en- seja trocas, onde o agente social minimiza a sua autoridade, mas não desaparece na relação, onde o jovem toma consci- ência do que faz e do sentimento dos outros, encontra com as pessoas, verbaliza, participa ativamente, decide e sai de si mesmo.

A estrutura básica para ensinar artes marciais deve buscar transformar os conteúdos, o sujeito e a técnica para a execu- ção de dado movimento. É preciso valorizar seu modo pes- soal de realizar os movimentos, de criar, inovar, reinventar, enfim, permitir que eles se expressem com liberdade.

A ideia é dar aos jovens a possibilidade de intervirem e opi- narem a respeito das oficinas dos núcleos, proporcionar uma oficina democrática e aberta, criar um ambiente no qual haja, necessariamente, tomada de decisão por parte dos jovens. É sugerido ao agente social propor dinâmicas com o objeti- vo de fazer o jovem pensar criticamente. Isso se concretiza quando o jovem tem a oportunidade de se exprimir verbal- mente, fato importante para que o mesmo internalize o co- nhecimento.

Os temas tratados devem estar próximos à realidade em que o jovem está inserido, não deixando de lado a historicidade e a contextualização do conteúdo. O agente social deve ser

transmissor da cultura, fazer com que o jovem saiba da his- tória daquela modalidade e se inserir nela. O agente social pode também enriquecer a troca entre o grupo e oferecer novos conhecimentos, democratizando os diferentes saberes existentes.

Tendo em vista as características de espontaneidade das ar- tes marciais, por exemplo, é possível criar novos golpes, os quais podem ser nomeados pelos jovens tornando-se uma construção cultural do grupo. Disso decorrem outras duas ca- tegorias de análise: as soluções de problemas para os golpes e a socialização do conhecimento construído. Para proporcio- nar o surgimento de um indivíduo crítico, consciente de seus atos e capaz de resolver problemas, é necessário que ele passe por situações que exercitem essas tarefas.

Conforme visto anteriormente, o lazer é um importante es- paço para o desenvolvimento de relações de sociabilidade, das buscas e experiências pelas quais os jovens procuram estruturar novas referências, identidades individuais e cole- tivas. O lazer é o campo onde o jovem pode expressar suas aspirações, desejos e projetar outro modo de vida.

Segundo Abramo (1994), boa parte dos jovens tem na música um dos seus principais elementos de diversão, seja para ou- vir, para dançar ou tocar. Fato que a torna uma das dimensões

mais significativas da vivência juvenil. A música está presente e acompanha quase todos os momentos de lazer do jovem: o tempo em que ele fica sozinho em casa; o encontro com os amigos; as festas e, principalmente, os bailes.

Estilos juvenis, como hip hop, estruturam-se como forma de manifestação de questões dessa juventude, por meio de uma atuação cujo eixo é a elaboração no espaço público. Grupos desse tipo representam espaços de sociabilidade e elaboração de uma identidade relativa à sua condição juvenil e aos problemas nela encontrados. Nesse sentido, a compreensão do significado de sua existência, bem como dos temas de suas músicas, pode ser útil à compreensão mais geral das angústias, dos problemas e das formulações dos jovens e, quem sabe, trazer alguma contribuição para o conhecimento das tensões e contradições da sociedade atual (ABRAMO, 1994).

Quanto às oficinas de dança, deve-se considerar que o seu aspecto expressivo confronta-se com a formalidade da técnica para sua execução, o que pode vir a esvaziar o aspecto verdadeiramente de sua expressão. A dança como arte é uma representação estilizada e simbólica da vida. Como arte, deve encontrar os seus fundamentos na própria vida, concretizando-se numa expressão dela. Segundo o Coletivo de Autores (2009), é preciso inicialmente escolher o desenvol-

vimento de uma disponibilidade corporal para a apreensão de variadas habilidades de expressão de diferentes tipos de danças sem ênfase nas técnicas formais, a fim de permitir a expressão desejada sem deturpar o verdadeiro sentido nelas implícito.

O desenvolvimento da técnica formal deve ocorrer paralelamente ao desenvolvimento do pensamento abstrato, pois este permite a compreensão clara do significado da dança e da exigência expressiva nela contida. Além disso, outras formas de prática da expressão corporal podem ser oferecidas junto com a dança, como, por exemplo, a mímica, contribuindo para o desenvolvimento da expressão comunicativa nos jovens.

Deve-se também resgatar a cultura brasileira no mundo da dança por meio da tematização das origens culturais, como forma de despertar a identidade social do jovem no projeto de construção da cidadania. Vale ressaltar mais uma vez que atividades que não venham ao encontro das necessidades de crescimento do jovem e que, em sentido contrário, favoreçam aspectos relativos à busca de perfeição na execução de movimentos em detrimento de seu significado prejudicam a conquista da expressão criativa dos jovens (ROMERA, 1998). Em Lazer e Educação, Marcellino (2010) trata o folclore como uma concepção dinâmica do mundo e da vida, no qual no-

vos elementos são continuamente recebidos. Dessa forma, o folclore não pode ser concebido como algo bizarro, mas como algo que deve ser levado a sério com base em uma pedagogia do movimento desencadeado junto aos simples, com eles, a partir de sua vivência.

Destaca-se a metodologia do núcleo PELC/PRONASCI, que tem como eixo norteador a socialização, ou seja, o ambiente de interação durante as oficinas. O jovem precisa ter a oportunidade de tomar suas próprias decisões a seu respeito e a respeito do grupo, assim como opinar e se posicionar sobre os saberes tratados nas oficinas. A transformação social constitui-se como o ponto de partida ou até mesmo ponto de vista a ser adotado nas oficinas, sob a perspectiva crítica.

A ginástica, por sua vez, engloba relações dos movimentos com os sentidos, inteligência, sentimentos, costumes e o completo desenvolvimento de nossas faculdades. Oficinas de ginástica geram bem-estar, entendimento do indivíduo como produto e produtor de cultura e de conhecimento, convivência social, troca de experiências, descoberta de novas possibilidades de movimentos e sensação de alegria e prazer.

Nos núcleos, a ginástica pode ser aplicada de forma a mostrar os saberes, as experiências e as produções desse conjunto de

manifestações do corpo, para transmitir as riquezas culturais presentes nos bens socialmente produzidos. (COLETIVO DE AUTORES, 2009). As coreografias são formas de socializar os conhecimentos produzidos nas oficinas e podem incluir elementos de jogos, brincadeiras, lutas, danças, esportes e ginástica, despertando a curiosidade e o interesse das pessoas.

Os jogos e brincadeiras cooperativos, jogos teatrais, jogos indígenas, jogos recreativos, as oficinas de expressão, dentre outros, compõem enorme gama de recursos para novas e diferentes abordagens para os núcleos PELC/PRONASCI, tornando-os atuais, diferentes e certamente atraentes aos jovens. A partir dessas oficinas, os jovens poderão elaborar novo conhecimento corporal, consciência crítica, desenvolver a criatividade e vivenciar o prazer que acompanha a atividade lúdica. As oficinas dos núcleos não significam um simples entretenimento ou diversão desprovida de valor educativo.

As oficinas desenvolvidas nos núcleos PELC/PRONASCI propiciam o espaço para a liberdade, espontaneidade, criatividade, provoca o imaginário e a fantasia, havendo sempre a possibilidade de modificação das regras a fim de que elas se adaptem às necessidades do grupo. Esses jogos e atividades apresentam em sua essência o lúdico, o que possibilita colocar os jovens em atitude de espontaneidade para se expressar, criar, questionar e se conhecer.

Oficinas de esporte recreativo e lazer satisfazem necessidades dos jovens, especialmente a necessidade de “ação”. O agente social deve conhecer quais as motivações, tendências e incentivos que colocam o jovem em ação. Tanto o esporte recreativo quanto o lazer devem ser entendido como “fator de desenvolvimento” por estimular o jovem no exercício do pensamento, que pode desvincular-se das situações reais e levá-lo a agir independentemente do que ele vê.

Quando o jovem participa de uma oficina de esporte recreativo ou de lazer, ele opera com o significado das suas ações, o que o faz desenvolver sua vontade e, ao mesmo tempo, poder tornar-se consciente das suas escolhas e decisões. Portanto, é importante selecionar as oficinas dos núcleos PELC/PRONASCI de acordo com a memória lúdica da comunidade em que o jovem vive, e oferecer-lhe ainda o conhecimento dos jogos das diversas regiões brasileiras.





BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M., RIBEIRO ANDRADE, E.; GIL ESTEVES, L. C. **Organização, Juventudes: outros olhares sobre a diversidade – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.**

BRENNER, A.K. et. al. **Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre.** In: Um olhar sobre o jovem no Brasil. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

CASTELLANI FILHO, L. et al.. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** 2. ed. revista. São Paulo: Cortez, 2009.

GARCIA, Erivelto B. **Os novos militantes culturais.** In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.). **Lazer: formação e atuação profissional.** Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 23-53.

GAUTO, Maitê; CARA, Daniel. **Juventude: percepções e exposição à violência.** In: MIRIAM ABRAMOVAY (Org.) **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.** 1º. Edição. Brasília: Ministério da Educação. UNESCO, 2007.p.171-196.

IBGE, Análise das informações das Estatísticas do Registro Civil, v.29, 2002

MARCELLINO, Nelson. C. (Org.). **Lazer: formação e atuação profissional.** Campinas, SP: Papirus, 1995. 182 p.

Lazer e Educação. Campinas, SP: **Papirus**, 15º Edição, 2010.

MARINHO, A. e FAÇANHA, L. O. **Programas sociais: efetividade, eficiência e eficácia como dimensões operacionais da avaliação.** Texto para discussão nº 787. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA: Rio de Janeiro, 2001.

NORONHA, Vânia (Org.). **Pensando sobre políticas públicas de lazer para juventudes em contextos de vulnerabilidade social: contribuições a partir de pesquisa em Ribeirão das Neves/Minas Gerais.** Belo Horizonte, 2009.

ROMERA, Liana Abrão. **A contribuição da educação física no processo de humanização do adolescente. Tese de mestrado.** Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 1998.

SANDERS J. R. e WORTHEN B. **Avaliação versus pesquisa. In: Introdução a avaliação de programas sociais.** Coletânea de textos. Publicado e traduzido pelo Instituto Fonte para o desenvolvimento social. São Paulo, SP. 2003.

SANTANA, Wilton C. **A Pedagogia do Esporte e a Moralidade Infantil. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).** Dissertação de Mestrado. Campinas, 2003.

UNICEF, Instituto Ayrton Senna, Itaú Social. **“Adolescentes e Jovens do Brasil - Participação Social e Política”, 2007.**

Ministro da Justiça
José Eduardo Cardozo (jan. 2011)

Ministro do Esporte
Orlando Silva de Jesus Júnior

Secretário Executivo
Waldemar Manoel Silva de Souza

Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer
Rejane Penna Rodrigues

Diretora do Departamento de Políticas Sociais de Esporte e de Lazer - SNDEL
Cláudia Regina Bonalume

Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte - SNDEL
Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

Secretária Nacional de Segurança Pública
Regina Maria Filomena de Luca Miki

Diretora da OEI no Brasil - Organização dos Estados Ibero-americanos
para a Educação, a Ciência e a Cultura
Ivana de Siqueira

Diretora do PRODOC OEI/BRA “Desenvolvimento de Processos Gerenciais
e Operacionais no Ministério do Esporte para a Implantação
dos Espaços Urbanos de Convivência Comunitária”
Cássia Damiani

Gerente do Projeto Praça da Juventude

Maria Luiza Nogueira Rangel

Organização

Maria Leonor Brenner Ceia Ramos - Chefe de Gabinete - SNDEL

Projeto gráfico, diagramação e capa

FIELDS Comunicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

Elaborada por Suzelayne Eustáquio de Azevedo

Esporte e lazer no PELC PRONASCI / Maria Leonor Brenner Ceia Ramos organizadora. – Brasília : Fields, 2011.

93 p. – (Política Intersectorial: PELC e PRONASCI ; v. 3)

ISBN 978-85-89196-20-8

1. Esporte. 2. Lazer. 3. Programa. I. Maria Leonor Brenner Ceia Ramos (org.).
II. Título. III. Coletânea.

CDU 796:379.81 (81)(083.97)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Ministério do Esporte, ou da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer.

Venda proibida.

Gráfica Ideal



Organização
do Estado
desenvolvimento
do Esporte
e do Lazer



Esporte e Lazer
da Cidade - PEEC

PRONASCI
Programa Nacional de Assistência Pública aos Esportistas

Ministério da
Justiça

Ministério do
Esporte

BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

www.esporte.gov.br